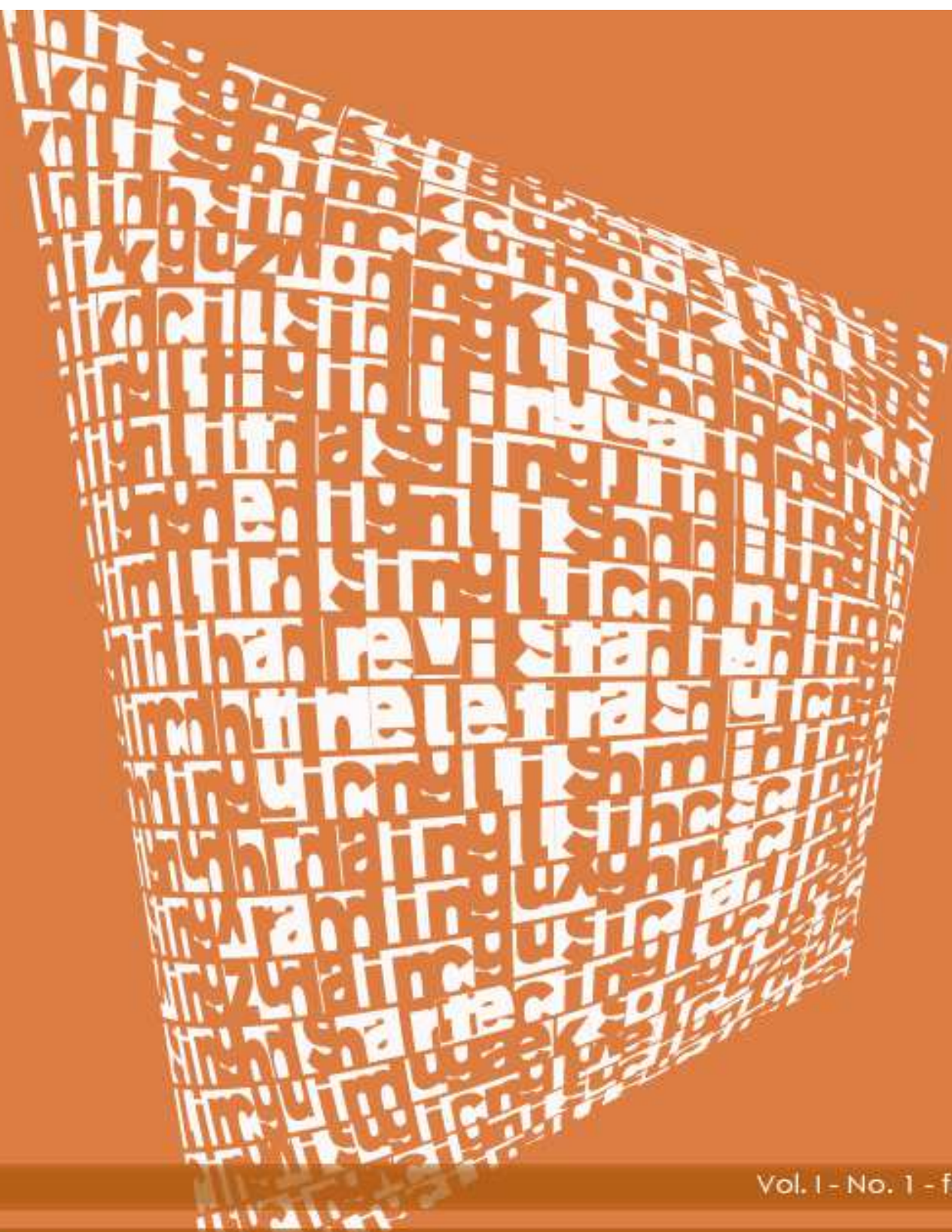




Vol. 1 - No. 1 - fev/2008

Revista de Letras

Revista de Letras – Vol. I – Número 1 – Fevereiro 2008

Editora Responsável

Profa. Dra. Mariza Vieira da Silva – UCB

Conselho Editorial

Profa. MSc. Andréa M. M. Alves Coutinho – UCB

Profa. Dra. Cláudia R. Castellano Pfeiffer – UNICAMP

Profa. Dra. Sheila Elias de Oliveira – UNICENTRO

Profa. MSc. Susana Souto Silva – UFAL

Profa. Dra. Vera A. de Lucas Freitas – UnB

Prof. MSc. Virgílio Pereira de Alemida - UCB

Revisão de Textos

Profa. MSc. Sandra Mara Bessa Ferreira – UCB

Formatação

Prof. Rogério da Silva Sales Pereira – UCB

Chelon Cristina Veríssimo – UCB

Universidade Católica de Brasília

Reitor

Prof. MSc. Pe. Romualdo Degasperi

Pró-Reitor de Graduação

Prof. MSc. José Leão da Cunha Filho

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

Prof. Dr. Pe. Geraldo Caliman

Pró-Reitor de Extensão

Prof. Dr. Luis Síveres

Curso de Letras

Diretor

Prof. MSc. Virgílio Pereira de Almeida

Assessora

Profa. MSc. Andréa Márcia M. Coutinho

R454 Revista de Letras [recurso eletrônico] / Universidade Católica de Brasília, Curso de Letras. – Vol. 1, n. 1 (fev. 2008). Dados eletrônicos. – Brasília : Universidade Católica de Brasília, 2008-
v. ; 30 cm.

Semestral

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de Acesso: World Wide Web:

<www.revistadeletras.ucb.br>

ISSN 0000-0000

1. Linguagem. I. Universidade Católica de Brasília. Curso de Letras.

CDU 81

Ficha elaborada pela Coordenação de Processamento do Acervo do SIBI – UCB.

30/01/2008

Συμ<rho>

Artigos

Conhecimento, Educação, Sociedade	7
<i>Mariza Vieira da Silva (UCB)</i>	
Ficção Científica: Narrativa do Mundo Contemporâneo.....	15
<i>Andréa Coutinho (UCB)</i>	
A Escrita do Fragmento.....	27
<i>Susana Souto Silva (UFAL)</i>	
Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Ensino de Inglês no Brasil	33
<i>Rozana Reigota Naves (UnB)</i>	
<i>Dalva Del Vigna (UCB)</i>	
Divulgação Científica: a revista Nova Escola	39
<i>Roshni Mariana de Mateus (UCB)</i>	

Resenhas

Interpretação e tradução: dois lados de uma mesma moeda?	47
<i>Virgílio Pereira de Almeida (UCB)</i>	
A Linguagem em questão: caminhos e convergências	51
<i>Jailton Lopes Vicente (SE-DF)</i>	

Resumos – Trabalhos de Conclusão de Curso

Memórias Póstumas de Brás Cubas – obra realista?	57
<i>Ana Paula Oliveira Xavier</i>	
O bilingüismo na educação dos surdos: considerações relevantes para a aquisição da leitura e da escrita.....	57
<i>Cássia Batista Sousa Penha</i>	
Gramática e autoria lingüística	58
<i>Elizangela Silva da Paz</i>	
A questão feminina em Lucíola, de José de Alencar.....	58
<i>Emanuelle Gomes da Silva André</i>	
Um estudo preliminar sobre as construções com verbos leves no português do Brasil	59
<i>Evelaine Batista Silva</i>	
Os gêneros virtuais emergentes: uma nova perspectiva de gêneros textuais	59
<i>Irioneide Alves Freire</i>	
Atos de fala e a rede enunciativa do crime passionai	60
<i>Mônica Andreza Bernard Dias</i>	

Monteiro Lobato: desconstrutor da moralidade na literatura infantil	60
<i>Régia Pereira de Abreu</i>	
Discurso e loucura	61
<i>Vanessa de Cassia Magalhães</i>	
O perfil feminino de Luísa, na obra de Eça de Queirós, O Primo Basílio	61
<i>Vania Vanessa dos Santos Melo</i>	
Adonias Filho: dramatização de vida e morte: uma abordagem das obras: Os Servos da Morte, Memórias de Lázaro e Corpo Vivo	62
<i>Aline dos Santos de Souza</i>	
O processo de ensino da leitura dos textos de apoio do livro didático	62
<i>Allene Martins Rezende</i>	
Aspectos da interação entre forma e sentido na linguagem da propaganda.....	63
<i>Ana Maria Baião</i>	
Ludicidade e experiência existencial em Dom Quixote de la Mancha, de Cervantes	64
<i>Andreia Alves de Oliveira</i>	
Construções existenciais no português do Brasil: uma comparação entre a abordagem tradicional e a gerativista.....	64
<i>Andréia Seixas Cardoso</i>	
A ironia em uma perspectiva machadiana	65
<i>Augusto Andriery Silva</i>	
Desvios de escrita: marcas de oralidade	65
<i>Beatriz Torres Ferreira</i>	
Reflexões sobre o ensino de leitura em língua inglesa	66
<i>Betseba Araújo</i>	
O erotismo e a escrita feminina em Um beijo de colômbina, de Adriana Lisboa.....	66
<i>Clarice de Andrade da Hora</i>	
A crítica social em Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto	67
<i>Cristiano Batista Ferreira</i>	
Variedades Lingüísticas e preconceito nos livros didáticos de língua portuguesa	67
<i>Débora de Almeida Arruda</i>	
A variação no modo subjuntivo no português do Brasil.....	68
<i>Elaine Andrade Leite</i>	
Atividades escolares como eventos de letramento	68
<i>Eliná de Araújo Belizário</i>	
Metáfora: da teoria à pedagogização	69
<i>Fernanda Ferreira Rego</i>	
A produção de texto na escola: o papel do educador.....	69
<i>Lenice Souza Vieira Linhares</i>	

No nada, aletria. Ria Rosa, ria. Marcas lingüísticas do riso em Tutaméia.....	70
<i>Letícia Chaves do Nascimento</i>	
Crenças de aprendizagem de alunos formandos de um curso de Letras.....	70
<i>Maria Zélia Oliveira Freitas</i>	
O texto literário nos manuais didáticos	71
<i>Sarah Ponte Pereira</i>	
A formação de professores para o ensino de português para estrangeiros: um estudo de caso	71
<i>Soneclay dos Santos Pannell</i>	
A relação idade do aprendiz-aprendizagem de uma língua estrangeira.....	72
<i>Viviane Costa de Oliveira</i>	
A circulação do texto literário na sociedade: Monteiro Lobato.....	73
<i>Waldênia Pereira da Silva</i>	

Artigos

Χονηεχιμεντο, Εδυχα| ©ο, Σοχιεδαδε¹

Mariza Vieira da Silva (UCB)

RESUMO: Neste artigo, parte de um projeto de pesquisa mais amplo, discutimos a relação Ciência X Educação, uma vez que educar cientificamente as sociedades coloca-se como o grande desafio do mundo moderno. Trabalhamos a hipótese de que a Ciência, ou melhor, determinada concepção de ciência, é um instrumento crucial de civilização do século XXI, em que se (re)atualiza uma memória discursiva: a da “falta de”, da “incapacidade de”, da “dificuldade em”, por parte do grande público, em relação à compreensão da ciência, a ser (desde sempre) preenchida pela educação formal e não-formal, e a de que há uma minoria que detém esse domínio de saber, uma minoria que irá mudar o mundo (mas não a base do mundo) quando conseguir levar a todos aquilo que lhes falta.

Palavras-chave: Divulgação científica, análise de discurso, sujeito, efeitos-leitor.

ABSTRACT: *In this article, which is part of a broader research, we discuss the relationship between Science vs. Education, once one of the greatest challenges of the modern world is to educate societies scientifically. We hypothesize that Science, or rather, a certain concept of science is a crucial tool for the civilization of the XXI century, in which a discursive memory (re)modernizes: that of “lack of”, “incapable of”, “it is hard to” in relation to the general population towards the understanding of science, to be (since always) filled by formal and non-formal education, and that there is a minority which dominates this knowledge, a minority who shall change the world (but not the core of the world) when they succeed in giving to all what they lack.*

Keywords: *Scientific popularization, discourse analysis, subjects, reader-effect.*

Quando em 2004, iniciamos, na Universidade Católica de Brasília, um projeto de pesquisa para discutir e compreender como se dava a relação do professor com os textos sobre ciência(s) que circulam na escola e na sociedade, estávamos interessados, antes e, sobretudo, em dar prosseguimento a um trabalho conjunto que se dera na construção de um projeto interdisciplinar de especialização para formação de professores da Educação Média, e de pensarmos, de outro lugar, as licenciaturas no Brasil, principalmente nos campos da Lingüística, da Física, da Literatura e da Química.

Esse trabalho conjunto significava deslocar certas noções de interdisciplinaridade, como aquelas que implicam um somatório ou uma diluição de objetos de estudo em busca da completude, esquecendo-se, muitas vezes, de se perguntar sobre o próprio de cada campo do

¹ Parte deste artigo foi apresentado em uma mesa redonda denominada “Divulgação científica e compromisso social”, durante a VII Semana Universitária da Universidade Católica de Brasília, realizada de 26 a 30 de setembro de 2005, que teve como tema “Rumos do conhecimento no século XXI: papel da universidade na construção de um novo mundo”.

conhecimento. Significava ainda pensar a linguagem não como um instrumento, transparente e estável, para comunicar o conteúdo da Ciência, mas como espaço simbólico de produção e circulação dos conhecimentos científicos, pois como diz o físico francês Jean-Marc Lévy-Leblond (2004, p. 26),

... é com imagens, palavras e idéias, e não com nomes, símbolos e fórmulas, que começa e termina (ou deveria fazê-lo) todo procedimento científico, sobretudo numa disciplina tão formalizada quanto a física teórica. Desnecessário dizer que a passagem a uma linguagem comum não é algo que se aceite por não haver nada melhor, não é nenhuma concessão a um desejo maior de “comunicação”.

Este projeto inicial² já apontava em seu título - “Professor: um sujeito leitor de ciência” – a nossa questão central: a da relação que se estabelece entre aquele que ensina e aquele que aprende e o que se ensina e se aprende nesse processo de interlocução. Tratava-se, pois, de compreender a relação que se estabelece entre Ciência, Linguagem e Ensino em um espaço-tempo determinado. O nosso foco era o professor, como uma posição de sujeito historicamente construída, em sua relação com o conhecimento dentro e fora da Escola, no cotidiano de sua prática pedagógica, mas também na prática cotidiana de sua vida. O professor é um leitor de ciência – um sujeito social - e estabelece de uma forma, que nos interessava (e interessa ainda) compreender, uma relação específica com a Ciência através de disciplinas escolares. Esse efeito-sujeito se produz na confluência de duas histórias: a da constituição de um campo disciplinar e a de sua institucionalização, dentro e fora da Escola.

Orlandi (2001, p. 28), ao tratar do discurso da divulgação científica como parte do processo de socialização pela e na Ciência, e da Escola como lugar de produção e distribuição desse conhecimento, diz que:

Tem-se delegado à Escola a tarefa de produzir cidadãos. A Escola tem assim que “criar” a cidadania. Ela não reforça algo que já estaria instalado na história social. Fica para a Escola a construção da imagem do cidadão, sendo a ciência um dos componentes dessa imagem. Argumento sempre disponível para as políticas que se dizem “sobre” o social no Brasil, ao longo de sua história, desde que se constituiu como um País independente.

Esta pesquisa situava-se, pois, no campo mais amplo do processo de produção e de circulação do conhecimento, entendendo o objeto da Ciência, seja o da Lingüística, da

² Este projeto encerrou-se em 2005 e, atualmente desenvolvemos outro, denominado “Educação e Ciência: representações e práticas”, ambos financiados pela Universidade Católica de Brasília.

Literatura, da Física ou da Química, não como um objeto empírico, mas como uma construção que se dá em diferentes espaços institucionais de uma sociedade dada, movimentando diferentes discursividades, e colocando em questão as posições de sujeito do conhecimento e do sujeito de direito de uma sociedade letrada.

Tomamos como suporte teórico e metodológico de nossos trabalhos a Análise de Discurso, construída com base nos trabalhos de Michel Pêcheux, na França, e nos de Eni P. Orlandi, no Brasil; e como suporte bibliográfico fundamental, a produção do projeto “História das idéias lingüísticas no Brasil”³, o que criou condições para se pensar as relações que se estabelecem entre língua, história, ideologia, sujeito e sentido, pela forma como se apreende e compreende a constituição de uma língua nacional no Brasil e a construção de um saber metalingüístico sobre a mesma, bem como os processos de institucionalização e disciplinarização que se instalam em momentos históricos determinados.

Podemos dizer, hoje, que a questão da circulação do conhecimento científico na universidade, na escola e na sociedade, é uma questão central para se pensar nos rumos de uma universidade para o século XXI e no mundo que queremos construir. Central, mas bastante opaca. E, então, buscando trabalhar essa opacidade, nos perguntamos, como Pêcheux o faz em seu artigo “Delimitações, inversões, deslocamentos” (1990, p. 9), em que analisa as mudanças produzidas pela Revolução Francesa, pela revolução socialista do século XIX e as revoluções do século XX: “mudar de mundo, ou mudar a base do mundo?”.

Uma resposta a essa questão demanda atravessar a transparência da linguagem, materializada em diferentes textos, para compreender as representações e práticas de ciência que se produzem nessas textualidades, bem como os processos de individualização do sujeito que aí se dão; compreender um imaginário que ali se produz e reproduz, em que todo mundo parece saber do que está falando quando fala em ciência e em divulgação científica. Trata-se, ainda, de observar e analisar como se construiu toda essa demanda por conhecimento científico, como todos esses discursos - dos artigos científicos, dos manuais didáticos, do jornalismo científico - estruturam-se e funcionam em relação a nossa formação social, produzindo seus efeitos no cotidiano dos cidadãos.

³ O projeto História das Idéias Lingüísticas no Brasil, do qual participamos, vem se desenvolvendo há mais de uma década, em uma parceria que envolve a Universidade Estadual de Campinas e a École Normale Supérieure Lettres e Sciences Humaines de Lyon/França, e contando com a participação de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras.

Questões essas que interessam não apenas à pesquisa, às licenciaturas, com pensávamos inicialmente, mas a toda uma instituição como a universidade, que se apóia no tripé ensino-pesquisa-extensão. Gostaríamos de ressaltar que entendemos a transmissão/apropriação do conhecimento não como uma etapa posterior à produção do conhecimento, mas como um elemento constitutivo deste processo, que é datado historicamente.

Neste artigo, discutimos, pois, a relação Ciência X Educação, uma vez que educar cientificamente as sociedades coloca-se como o grande desafio do mundo moderno. Relação essa que ganha diferentes nomes, designações e abordagens em diferentes países: alfabetização científica, leitura científica, compreensão pública da ciência, cultura científica (MASSARANI, L.; TURNEY, J. e MOREIRA, I. de C., 2005). Essa escolha deve-se ainda ao meu interesse de pesquisadora pelas relações que se estabelecem em diferentes momentos históricos, no Brasil, entre linguagem, educação e sociedade⁴.

De acordo com Durant (2005, p. 13), alfabetização científica

... é uma expressão da moda nos círculos educacionais dos Estados Unidos e da Inglaterra. Ela designa o que o público em geral deveria saber a respeito da ciência, e a difusão do seu uso reflete uma preocupação acerca do desempenho dos sistemas educacionais vigentes.

Pensando nessa relação Ciência X Educação - uma relação complexa -, levantaríamos uma primeira hipótese e destacaríamos um ponto de reflexão para encaminhá-la. A hipótese seria a de que a Ciência, ou melhor, determinada concepção de ciência, é um instrumento crucial de civilização do século XXI, em que se (re)atualiza uma memória discursiva. Nesse novo-velho embate entre a barbárie e a civilização, é preciso romper as barreiras entre o senso comum e a ciência, universalizando (globalizando) determinados conhecimentos/informações, ao mesmo tempo em que se universalizam (globalizam) determinadas condições de produção e há um re-ordenamento da divisão do trabalho nas sociedades capitalistas. Neste novo espaço de significação e de comunicação da(s) ciência(s), a forma-sujeito do conhecimento constitui-se pelo trabalho do simbólico, em sua relação com o político, em determinadas formulações discursivas, referidas a formações ideológicas.

⁴ Ver Silva, em sua tese de doutorado: “História da alfabetização no Brasil: constituição de sentidos e do sujeito da escolarização” (1998).

A composição da “cesta” de empregos, particularmente nos países com maior PNB, está se alterando rapidamente, diminuindo a oferta de empregos de mão-de-obra para as indústrias e aumentando a demanda por serviços, e destes uma boa parte se refere a atividades correlatas ao tratamento da informação. Os novos empregos exigirão, cada vez mais, pessoas portadoras de **alfabetização científica**, facilmente treináveis e adaptáveis a novas tarefas. (EPSTEIN, 2002, p.121 – grifos do autor)

Trago, ainda, outra citação, como elemento de reflexão. Manuel Calvo Hernando, jornalista espanhol, divulgador de ciência nas últimas cinco décadas e considerado um ícone do jornalismo científico na América Latina, fundador de associações de jornalismo científico em diferentes países, em entrevista, quando perguntado sobre o que seria necessário para alfabetizar cientificamente a sociedade, respondeu:

O ponto-chave é a divulgação para todos. Depois, é preciso criar uma consciência pública sobre o valor da ciência. As pessoas sabem muito pouco. Nos Estados Unidos, apesar de toda produção de conhecimento, há muita falta de consciência científica na sociedade. A cultura científica deveria fazer parte da cultura popular. Mas, na verdade, os que se preocupam com a ciência fazem parte de uma minoria. Somos uma minoria; quando formos maioria, mudaremos o mundo. (p.19)

Se observarmos o trabalho intenso de institucionalização e de divulgação da ciência que vem se dando, principalmente, nas duas últimas décadas do século XX, veremos um funcionamento lingüístico-discursivo em que o poder se inscreve articulado ao saber, em resposta ao estágio atual do capitalismo, pela necessidade constante de formação de consumidores de bens e serviços. E que a chamada demanda por ciência por parte de toda população, enunciado sempre presente na literatura da área, é parte das relações entre ciência e formação social a serem apreendidas e compreendidas em pesquisas como a nossa.

A ciência, cada vez mais, converte-se em espaços de poder ordenados por determinadas textualidades e discursividades para a produção do consenso. A forma que tomam os conteúdos de ensino é, pois, carregada de intencionalidade política e valor social por parte do Estado e de suas instituições. Authier-Revuz (1998, p. 108) falando das representações subtendidas na atividade de divulgação científica, diz que dois perigos são evocados:

... a alienação do homem comum ante um meio cada vez mais técnico e a “ruptura cultural” entre uma elite científica, investida de poderes ligados à competência, e uma massa privada de meios de controle; importa, pois, sendo este males imputados à falta de saber, remediá-los através de uma disseminação desse saber no conjunto da sociedade.

Quanto ao ponto para reflexão mencionado, para encaminhamento do trabalho com essa hipótese, seria o da “falta de”, da “incapacidade de”, da “dificuldade em”, por parte do grande público, em relação à compreensão da ciência. Há, pois, uma “falta”, agora de conhecimento científico, a ser (desde sempre) preenchida pela educação formal e não-formal; e há uma minoria que detém esse domínio de saber, uma minoria que irá mudar o mundo (mas não a base do mundo, parece) quando conseguir levar a todos aquilo que lhes falta. Essa falta, essa demanda por conhecimentos científicos por parte de toda a população, vai se explicitando e revelando suas relações com as condições de produção⁵, nos discursos que vimos analisando.

Pfeiffer (2003), analisando a relação entre jornalismo científico e escolarização, trabalha a forma como a mídia produz um discurso da divulgação científica e o modo através do qual ela é tomada enquanto suprimento de instrumentos pedagógicos, bem como a educação a distância e os mini-cursos tão comuns nos eventos científicos. No primeiro caso, ela observa que em ambos os funcionamentos, “a mídia é marcada pela evidência de preencher uma falta: a dificuldade da escola cumprir sua função de ensinar”. (p.31) O preenchimento desta falta, no segundo caso (o da educação a distância e o dos mini-cursos), concerne ao saber dominado pelo professor, considerando a quantidade de informações que estão circulando e que ele deve dominar. No entanto, conclui Pfeiffer que:

... à disposição estão na realidade informações esvaziadas do lugar próprio ao conhecimento, isto é, esvaziadas do lugar em que ao sujeito é aberto espaço de significação (lugar dos gestos de interpretação, sítios de significância. Informações que se dão sempre a partir de lugares de autorização externos ao sujeito, a sua interpretação. (p.41)

Em nosso trabalho de doutorado, pela análise de diferentes discursividades, pudemos concluir que ler com compreensão implicava significar um texto em determinada direção (ideológica), produzir uns e não outros sentidos na relação com os conteúdos a serem aprendidos; produzir determinados efeitos-leitor⁶. Importa antes e, sobretudo, ensinar um

⁵ O texto resulta de condições de produção determinadas, que compreendem fundamentalmente os interlocutores, a situação e o contexto sócio-histórico, ideológico, mobilizando as relações de sentido e produzindo o discurso: efeitos de sentido entre posições de sujeito.

⁶ O efeito leitor tem a ver com a função autor do sujeito, em que se coloca como fonte e senhor do seu dizer, e com o modo como algo se textualiza, no caso, a(s) ciência(s). A maneira como se formula “a partir de uma certa discursividade produzirá possibilidades de sentido que constituirão uma posição de um sujeito que, ao ler, entrará nessas possibilidades constituindo um efeito leitor, produzindo um efeito leitor. (ORLANDI, 2006, p. 37). Ver texto de Mateus, nesta Revista.

modo de ler os textos. Como diz Pêcheux, “os objetos ideológicos (como a ciência, a justiça, a ordem, o poder) são sempre fornecidos concomitantemente com a maneira de se servir deles, com a pressuposição de seu sentido, quer dizer, também com sua orientação”. (1990, p. 12)

Brian Wyne da Universidade de Lancaster, no Reino Unido, em artigo intitulado “Saberes em contexto” (2005, p. 39), em que discute a compreensão da ciência pelo público em geral, conclui que:

Apesar de muitos críticos retratarem uma falta de compreensão pública da ciência como obstáculo à vitalidade democrática, pode ser que o contrário também seja verdadeiro: que a democracia empobrecida e a hegemonia intensificadora em torno da ciência sejam o obstáculo principal ao aperfeiçoamento da compreensão pública da ciência.

Ainda com Pêcheux (1990, p. 17), podemos ver essa não compreensão da ciência também como resistências, como lugar em que o ritual falha, e cria condições para que o sujeito rompa com o sem sentido e produza o sentido outro.

... não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... E assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação de modo que o irrealizado advenha formando sentido no interior do sem-sentido.

E através dessas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entre em ressonância e produz um acontecimento histórico, rompendo o círculo da repetição.

Compreender como vem se dando a divulgação científica, como ela se textualiza, é compreender como se constroem posições de sujeito, em que os indivíduos reconhecem seu lugar no sistema de produção e na organização social, submetem-se livremente a um culto obsessivo ao corpo, por exemplo, ou lançam-se freneticamente em busca da felicidade que uma saúde perfeita pode lhes dar. É a Ciência, na relação com o Estado e suas instituições, como a Escola e a Mídia, produzindo transformações nos processos de individualização do sujeito. Relação que, no entanto, é apagada; dela restando as aparências externas e as conseqüências. Como diz Orlandi (1999, p. 17), “o conhecimento não é só conteúdo, um

conjunto de informações, ele é um elemento estruturante do ser em uma sociedade capitalista”. Daí a importância em se discutir e pesquisar essa questão.

Referências Bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Trad. Cláudia C. Pfeiffer [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- DURANT, J. O que é alfabetização científica? In: MASSARANI, L.; TURNEY, J.; e MOREIRA, I. de C. (orgs.) **Terra incógnita**: a interface entre ciência e público. Rio de Janeiro: Vieira & Lent; UFRJ, Casa da Ciência: FIOCRUZ, 2005. p. 13-26.
- EPSTEIN, I. **Divulgação científica: 96 verbetes**. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- HERNANDO, M. C. **Divulgação científica**: um grande desafio para este século. Entrevista publicada em 01.06.2005, às 12:00. Disponível em <www.museudavida.fiocruz.br>. Acesso em 24 set. 2007.
- LÉVY-LEBLOND, J-M. **O pensar e a prática da ciência: antinomias da razão**. Trad. Maria Lucia Panzoldo. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- MASSARANI, L.; TURNEY, J.; e MOREIRA, I. de C. (orgs.) **Terra incógnita**: a interface entre ciência e público. Rio de Janeiro: Vieira & Lent; UFRJ, Casa da Ciência: FIOCRUZ, 2005.
- ORLANDI, E. P. Divulgação científica e efeito leitor: uma política social urbana. In: GUIMARÃES, E. (org.) **Produção e circulação do conhecimento**: Estado, Mídia, Sociedade. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- _____. História das idéias x História de vida: entrevista com Eni Orlandi. In: **Fragmentum**. Santa Maria: UFSM; Laboratório Corpus, 2006.
- PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. Trad. José H. Nunes. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos** nº 19. Campinas/ SP: Unicamp/Iel, jul./dez. 1990, p. 7-24
- PFEIFFER, C. Educação à distância, mídia e reciclagem. IN: GUIMARÃES, E. (Org.) **Produção e circulação do conhecimento**: Política, Ciência, Divulgação. Campinas, SP: Pontes, 2003, p. 31-42.
- SILVA, M. V. da. **História da alfabetização no Brasil**: a constituição de sentidos e do sujeito da escolarização. Campinas, 1998. 297 p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Unicamp, Campinas, 1998.
- WYNNE, B. Saberes em contexto. In: MASSARANI, L.; TURNEY, J.; e MOREIRA, I. de C. (orgs.) **Terra incógnita**: a interface entre ciência e público. Rio de Janeiro: Vieira & Lent; UFRJ, Casa da Ciência: FIOCRUZ, 2005, p. 27-40.

Mariza Vieira da Silva é doutora em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas, integrante do projeto de cooperação internacional CAPES/COFECUB denominado História das Idéias Lingüísticas no Brasil; coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq/UCB “Estudos Discursivos”; professora e pesquisadora da Universidade Católica de Brasília. (mariza@ucb.br)

Φιχ| ©ο Χιεντ| φιχα: Ναρρατιϖα δο Μυνδο Χοντεμπορ®νεο

Andréa Coutinho (UCB)

RESUMO: Este trabalho pretende considerar que o mundo contemporâneo apresenta como uma importante característica a expansão da ciência e da tecnologia e que a literatura acaba por imprimir essa característica aos textos nomeados de ficção científica. Tais textos nem sempre extrapolam a ciência possível e, mesmo apresentando robôs, ciborgues, e máquinas especiais, estão relacionados ao homem e à sociedade e desenvolvem pensamentos associados aos conhecimentos de determinada época. A ficção científica antecipa possibilidades de futuro, baseando-se exatamente em todos os conceitos científicos e tecnológicos atuais.

Palavras-chave: Literatura, ciência, tecnologia e ficção científica.

ABSTRACT: This paper intends to assess the idea posed by the contemporary world based on one of its most important characteristics - the expansion of science and technology – that literature is bound to deploy the same characteristic in its works labeled as science fiction. Such works not always extrapolate the possible science and, even when they feature robots, cyborgs and special machines, they are related to men and society and they elaborate thoughts based on the knowledge of a particular era. This science fiction anticipates the future by relying on all the current scientific and technological concepts.

Keywords: Literature, science, technology and science fiction.

*O avanço da informática
ameaça tornar a realidade mais estranha e
empolgante que a própria ficção.
(Alex Antunes)*

Hoje, há uma supervalorização do pensamento científico como resultado do impacto que as ciências exatas provocaram no mundo contemporâneo que, desde o início deste século, ampara-se mais ainda nas vertentes de tecnologia. No entanto, o empirismo da ciência clássica acabou tendo como um dos eixos de futuro a indeterminação da ciência contemporânea. Assim, não é possível pensar os objetos que não sob óticas diversas, pois há também muito de intuitivo na ciência. Não é mais possível perceber que a imaginação destinada à “construtora” da literatura não faça parte também da elaboração científica. Por outro lado, há muito da ciência na literatura e assim nos aproximamos da literatura de ficção científica, mas aquela que antecipa possibilidades de futuro, baseada na história e, sobretudo, nas possibilidades científicas, mesmo que aparentemente crie o inverossímil, o não verdadeiro, ou até mesmo,

impossível. Deparamos-nos com a ficção científica exatamente porque é, através dela, que se torna possível perceber aquilo que, extraído da ciência e da tecnologia, foi base para a construção do imaginário e tudo o que foi criado nos textos literários e foi concretizado depois pela ciência. Tudo que saiu do plano do subjetivo e inventado para o universo do concreto e físico.

Na literatura, a ficção científica demonstra sua proximidade com todas essas questões que desvelam um mundo ora real ora ficcional, assim como os paradoxos do tempo e do espaço e a explosão das imagens por meio das novas tecnologias. Apresenta o virtual que se transforma em real e a realidade que se transmuta em irreabilidade, confundindo “fronteiras” antes tão perceptíveis. Embora ainda com uma posição “marginal”, a ficção científica reunia, e reúne em si, essas duas vertentes opostas: a ficção associada ao não verdadeiro, e a ciência centrada na verdade.

É inegável a aceleração da evolução das tecnologias ligadas à informática e ao computador no final do século XX. Inegável também seus efeitos sobre a sociedade, já que o computador passou a ser acessível aos “mortais mais comuns” e o universo de informações e imagens convertidas em *bits* se expande e dissemina. Tais avanços no domínio da informática permitiram forte interação com dados sonoros, visuais e textuais transmitidos pelo computador produzindo uma outra realidade – a “realidade virtual”. Por outro lado, Baudrillard (1996, p.23) afirma que “se a arte fosse apenas uma utopia, isto é, algo que escapa a qualquer realização, hoje essa utopia estaria plenamente realizada através da mídia, da informática, do vídeo, pois todo o mundo tornou-se potencialmente criativo” e explica que o virtual “em sua acepção mais usual se opõe ao real, mas sua súbita emergência, pelo viés das novas tecnologias, dá a impressão de que, a partir de então, ele marca a eliminação, o fim desse real” (BAUDRILLARD, 2001, p.41).

É possível deduzir daí que a “realidade virtual é uma interface avançada para aplicações computacionais, na qual o usuário pode navegar e interagir, em tempo real, em um ambiente tridimensional gerado por computador, usando dispositivos multisensoriais”¹, ou seja, tem uma relação direta com a nova construção tecnológica e computacional. No entanto, a associação dos termos, real e virtual, chega a ser um paradoxo, pois o primeiro se refere àquilo que existe, enquanto o segundo, ao que

¹ In: <http://www.realidadevirtual.com.br/cmsimple-rv/?Defini%E7%E5es>. Acesso em 23/12/2006.

constitui uma simulação, ou seja, a realidade virtual é apenas sentida como realidade, pois inscreve-se como simulação.

A imagem não mantém mais nenhuma ligação física nem energética com o real; ela é a expressão de uma linguagem específica – a linguagem dos programas informáticos alimentados por algoritmos e por cálculos, ao passo que a interatividade a torna dependente das reações do observador. As técnicas de síntese não propõem uma representação do real mais ou menos semelhante, mas uma simulação. Enquanto a representação ótica se limita ao aspecto visível do real, reduzido à dimensão bidimensional do plano de projeção ou de inscrição, a simulação numérica reconstrói o real a partir de descrições da linguagem lógico-matemática, eventualmente no seu aspecto visível (bi ou tridimensional), mas sobretudo no devir virtual que conhecerá no curso de suas interações com o observador. Simulação e interatividade estão ligadas. Simulamos para interagir. (COUCHOT, 2003, p. 157)

A “realidade virtual” cumpriu funções narrativas variadas que vão revelar que o mundo onde se movem personagens, o mundo literário ficcional, pode ser percebido muitas vezes como mera simulação. A influência da técnica e da ciência no mundo contemporâneo se reforça e torna-se mais complexa. Edmond Couchot (2003, p.158), fala em *tecnociência*, e esclarece que usa tal termo em sentido literal, sem subentendido ideológico para confirmar tal influência, afirmando que, com isso, a “arte é arrastada num anel suplementar de automatização que se estende, pouco a pouco, até ao pensamento e ao imaginário”, pois tudo o que alimenta os computadores parte desta mesma técnica e ciência. Daí a narrativa volta-se para uma temática de simulação. Esse tema, é fato, aparece em formatos variados, mas quase sempre tal “simulação” é gerada por computadores e os espaços tempos e personagens inserem-se num circuito que é fechado e que produz o questionamento de se pensar se o mundo exterior ao indivíduo é ou não real.

Essa narrativa, quando literária, envolve elementos ficcionais, intuitivos, fantasiosos, virtuais e elementos racionais, técnicos e científicos. A associação de ambos cria uma narrativa que seria ficcional e científica, ao mesmo tempo que simula uma nova realidade, embora não no mesmo formato que aquela amparada nos aparatos tecnológicos. Nomeada então como *ficção científica*, essa narrativa, embora por muitos desprestigiada, investe exatamente nesta simulação e a transporta, por vezes, para universos tão ampliados que ultrapassam a aceitação e critica-se então a “não existência” e o “não possível”. Reproduz-se como discurso o “isso não existe”, “isso é impossível” e tal discurso esbarra realmente na inverossimilhança e desvela um

universo de tal forma “inventado” que não há mais como assemelhá-lo à existência, embora seja importante sempre lembrar que, por mais que se crie o que “não existe”, essa “criação” parte sempre do que “existe”. Como tal não há estudo, análise social, interpretação antropológica, reflexo do mundo do ser, pois mergulha no fantasioso, na sombra, no fantástico e se estrutura como uma narrativa que se organiza a partir de um enredo que tem como objetivo mais amplo os possíveis prognósticos de futuro face à realidade presente.

Assim, a ficção científica é uma narrativa resultante do processo da *tecnociência* e sua construção só foi possível porque seus autores procuraram explicitar as possibilidades ficcionais que a tecnologia de cada época, cada tempo, permitia. Acabaram por obter, assim, uma interseção entre narrativas, relatos e técnicas, ou seja, entre a arte e a ciência, cruzando as criações tecnológicas com os diálogos narrativos, ficcionais e literários. Como consequência direta, diminuíram as distâncias entre o universo científico, a linguagem da arte e a vida cotidiana. No entanto, não conseguiram representar tal ciência e tal tecnologia fora da percepção daquilo que “não existe” e como tal “não é possível” e apresentaram, para muitos uma arte que, exatamente por isso, amplia a ficção, visto que não temos alienígenas robóticos e inteligentes, os campos de força, viagens ao hiperespaço, computadores como o HAL, viagens no tempo, não temos uma morada no espaço, teletransporte, missões permanentes em outros planetas, enfim, toda uma criação científica, mas absolutamente ficcional aos nossos olhos hoje.

No entanto, é preciso analisar a ficção científica sobre outro prisma e outros aspectos para encontrar os pontos de contato da literatura, como arte, como precursora de aspectos da ciência e das tecnologias modernas, já que tem o tempo futuro como temática central, mas o tempo presente como metáfora. Assim como os gêneros de horror e fantasia, a ficção científica é muito ignorada e sua importância se dá exatamente pela relação que mantém com o desenvolvimento contemporâneo. A ficção científica tenta retratar, embora pareça um paradoxo, de forma realista, os tempos e espaços futuros que hoje diferem dos nossos, mas que poderão se “presentificar”, pois partem de percepções das criações atuais e oferecem elementos importantes para as discussões sobre os efeitos materiais ou não que qualquer nova tecnologia possa ter sobre a sociedade contemporânea. Os autores de ficção científica criam ambientes estranhos e imaginários que se transformam num campo de novas idéias que poderá ser

examinado a partir das implicações que suas criações propuserem, ou seja, criam uma nova realidade que não necessariamente, embora dê a impressão, se insere apenas no futuro.

Alguns autores têm tentado responder hoje o porquê de a ficção científica ser desprezada ou considerada como uma subliteratura mal escrita e difícil de entender. Um dos erros é considerá-la como composta por obras que apresentem apenas guerras espaciais, que só falem do futuro tecnológico e científico associado ao fantástico e ao monstruoso sem espelhar a nossa sociedade. Creio que uma boa explicação foi dada por Jacques Sadoul (2001, p.11) quando afirma que, mesmo tendo sido lançada há muito tempo, a ficção científica continua sendo ignorada.

À cela plusieurs raisons: le nom d'abord, qui rebute; les préjugés du grand public qui persistent; les médias qui méprisent le genre (...) mais aussi l'énorme succès des films et des séries télévisées américains de SF e de fantasy qui visent les jeunes spectateurs. Même si le grand public a pris plaisir à voir au cinéma *Star Wars: la menace fantôme* et *Mars attacks!* ou, à la télévision, *The X-Files* ou *Buffy contre les vampires*, il assimile automatiquement la littérature SF à ce genre de productions et pense qu'elle ne concerne que les adolescents. C'est ce phénomène qui s'est produit aux États-Unis au cours de la dernière décennie et a détourné les nouveaux lecteurs de la véritable SF, au profit de la sci-fi, ces space operas écrits à la chaîne.²

Contudo, percebemos que os escritores de ficção científica usam espaços imaginários e, por isso, muitas vezes, estranhos como um campo para novas idéias, antecipando, não raro, possíveis construções sociais, possíveis “realidades” científicas e novas possibilidades tecnológicas. Como, por exemplo o romance *1984*, do escritor britânico George Orwell, que criou uma sociedade rigorosamente vigiada, num regime tão totalitário que até mesmo os pensamentos eram controlados. Um mundo monitorado por câmeras, metáfora para essa ausência de “anonimato” que se tornou a nossa realidade. Somos filmados e fotografados onde quer que estejamos. Fiscalizados pelas imagens e pelos chips, pelos novos celulares, gravadores e computadores. Estamos, hoje, “on line” com o mundo e o desconhecido parece não ser mais possível. E, como não lembrar de *Admirável mundo novo*, obra futurista na qual os homens eram

² O autor Jacques Sadoul faz essa análise relacionada especificamente à ficção científica francesa e apresenta-nos nomes como os de Gerard Klein, Julia Verlanger, Michel Demuth, Philippe Curval, Serge Brussolo, Joëlle Wintrebert, Michel Jeury, Jean-claude Dunyach, Ayetdhal e Pierre Bordage. Afirma que há várias razões que seriam: o nome que é rejeitado, os preconceitos do público, a mídia que despreza a ficção como gênero e, mesmo que os filmes e as séries de televisão façam sucesso, há sempre a relação da ficção científica com o universo mais “adolescente”.

controlados quimicamente – controle genético e mental – numa civilização absolutamente organizada. Quando Aldous Huxley a escreveu talvez não imaginasse que um dia a ciência alcançasse a ficção – a produção de pessoas em laboratórios ultrapassou a linha que dividia a realidade da imaginação.

Constata-se, sem esforço, que essa ficção científica à qual nos referimos não é sequer um gênero meramente literário, porque suas imagens se transportaram para produções televisivas, cinematográficas, para jogos de computadores, simuladores, quadrinhos e uma outra enormidade de outros produtos técnicos. É preciso fazer aqui uma distinção entre a narrativa de ficção científica para a narrativa que é de ficção e é científica. Margaret Atwood nomeia a primeira, do meu ponto de vista acertadamente, de ficção especulativa e apenas a segunda de ficção científica propriamente dita. A diferença entre ambas é que a ficção especulativa ultrapassa as nossas possibilidades científicas, ultrapassa nossas leis físicas, não há lei da gravidade, o som se propaga no vácuo, envolve criaturas de outros planetas e um arsenal bélico difícil de inventar. Há alienígenas, personagens que circulam pelo espaço, desafiando nossas possibilidades temporais como num passe de mágica. A ficção científica envolve tecnologias de que dispomos, ou que nos são possíveis desenvolver. Não há monstros, não há guerras implodindo mundos. Tudo se passa num futuro possível que requer pesquisa e provoca uma excelente análise de nossa construção social. É essa última que antecipou construções e realizações desta *tecnociência*, é essa que nos interessa por antecipar algumas percepções que são base para a própria ciência, por isso ela é reconhecida por muitos críticos como ficção científica “antecipatória”.

A narrativa de ficção científica não especulativa, antecipatória, não se insere dentro do fantástico, pois mesmo partindo do imaginário se baseia em teorias em curso. Dessa maneira, como prenuncia possíveis “verdades” científicas, embora muitas possivelmente não serão jamais comprovadas, o tempo preferencial é o futuro e o espaço é absolutamente insólito, porque ambos se transformam nos melhores elementos para especular sobre o presente social. Assim, é capaz de gerar novas idéias que, embora reconhecíveis, provocam total estranhamento. Buscando muitas vezes referência direta nas ciências – física, biologia, matemática, química e tecnologia virtual – ficcionalizando o real, num dado momento, pode prever descobertas, ou permitir descobertas e novas interpretações em outro.

É claro que a literatura de ficção científica não tem nenhuma relação direta, não se destina à compreensão científica. É possível perceber que ela, a FC, está repleta de erros científicos, por isso mesmo é ficção, mas, ao mesmo tempo, busca na ciência elementos para sua construção e, constata-se posteriormente que muitas vezes o que era ficção científica torna-se “realidade científica”, torna-se ciência. Muito do que diversos autores de ficção científica escreveram, confundido muitas vezes com o fantástico, foram prognósticos científicos.

A presença do fantástico na literatura não é recente e tão pouco algo inconstante, ao contrário, ao longo do tempo, vem assumindo formas diferentes, ditadas pelas culturas e sociedades. Se entrarmos em uma livraria perceberemos que a magia, os dragões, os castelos, guerreiros e suas espadas, as donzelas e os demônios e monstros, dominam espaços, não apenas em textos literários como via outros gêneros – histórias infantis, filmes, histórias em quadrinhos, videocliques e videogames. Tais gêneros classificados como ficção científica enquanto criações de outra realidade, revelam a dificuldade quase intransponível de classificação por apresentarem-se tão diversos e abrangentes. A questão que se impõe então é entender o que é o fantástico (ou literatura fantástica), na sua acepção mais ampla, ou seja, visto menos como um gênero literário e mais como uma forma de escrita, e como se diferencia da ficção científica e, sobretudo, da ficção especulativa.

O fantástico, presença na literatura desde os primórdios, pode ser definido como um modo que anuncia o que é impossível, irreal sem qualquer preocupação ou relação direta com a ciência e a tecnologia. Os elementos fantásticos são criados pela fantasia e estão presentes em obras de diferentes gêneros, diferentes culturas e diferentes épocas históricas. A permanente transformação de entidades em animais ou plantas desde a origem mitológica em *Metamorfoses*, de Ovídio, é um bom exemplo, pois são figuras humanas que se deformam e se transformam em novas figuras. Não há referência à ciência. Na ficção científica, embora homens também se metamorfoseiem, e o princípio fantástico aí seja o mesmo, só o fazem em decorrência de alguma invenção, criação ou erro humano centralizado no universo da ciência.

Todorov (2007, p. 30) explica em *Introdução à Literatura Fantástica* que o fantástico ocorre na incerteza, e explica que

Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sáfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e, nesse caso, as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário; ou então existe realmente, exatamente como os outros seres vivos: com a ressalva de que raramente o encontramos.

Das *Metamorfoses* de Ovídio até *A metamorfose* de Kafka, o fato é que desde o final do século XVIII até nossos dias, a caracterização do fantástico, do que é ou não é, foi alterando formas e definições que perpassaram o medievalismo dos românticos, o fantástico de terror do século XIX - o doutor Frankenstein, por exemplo - como o fantástico épico *O senhor dos anéis*, de Tolkien, no século XX. Enveredou por caminhos ora “apreensivos”, ora críticos do pensamento científico e suas conseqüentes aplicações, explorando o que era questionamento para essa própria ciência como a relatividade e a mecânica quântica e extrapolou a relação com o cientista, a experiência e o invento para civilizações futuras, dominadas por seres estranhos, alienígenas e suas naves espaciais gerando simulacros de seres humanos – robôs, andróides, ciborgues.

Não é possível perceber a ficção científica sem fazer uma genealogia que remonte à Antigüidade e claramente sem fazer uma relação com o fantástico. Da mesma forma que se encontram definições diferenciadas para o fantástico, que são mais ou menos abrangentes, o mesmo se dá com a ficção científica. A diferença, talvez fundamental que se possa estabelecer, é que o mundo fantástico não tem que ser, necessariamente, baseado na realidade, nem nas suas regras, pois é capaz de aceitar explicações e seres de caráter mágico ou sobrenatural. Contudo, a ficção científica está centralizada, como o próprio nome procura indicar, na transposição de conhecimentos científicos e tecnológicos. Assim, ela tende a profetizar um futuro mais ou menos longínquo embora possa remeter ao passado e analisar o presente. A ficção científica fala sobre o fantástico das vidas extraterrestres, com viagens espaciais, robôs, alienígenas, máquinas que ultrapassam a última geração, como já se afirmou, mas está ligada sobretudo à física, à astrofísica, à astronomia e às construções tecnológicas.

No entanto, deparamos-nos com outros textos, sem dúvida, literários, cujos robôs, alienígenas e suas máquinas espaciais são apenas elementos metafóricos para discussões muito mais profundas que se voltam para o humano, social e político, embora não abandonem a ciência, apesar de que esta estará relacionada às perspectivas

humanas na sociedade, ou melhor, há textos cuja base explora o científico, a ciência, por si, enquanto possibilidades de desenvolvimento, daí o fantástico, e outros que percebem tal ciência e o desenvolvimento científico apenas como um dos elementos da sociedade que muito influencia no seu formato e em suas conseqüências para a vida humana.

Por outro lado, ainda que por vezes recorra ao verossímil, a uma narração tensa e sincopada, assim como a outros processos correntes no fantástico, a ficção científica raramente visa o principal objetivo daquele gênero: evocar a irrupção do sobrenatural no mundo cotidiano em termos de intensa ambigüidade. De igual modo, pode revelar estreitas afinidades com as narrativas de terror e de horror, sobretudo as que se circunscrevem ao gênero estranho, quando, por exemplo, evoca seres alienígenas monstruosos ou ameaçadores. Sem embargo, também neste particular é freqüente surgirem diferenças susceptíveis de as demarcar reciprocamente. Torna-se, ainda, no mínimo discutível, englobar, na ficção científica, certas histórias não obstante com ela aparentadas, como sucede com as aventuras em diversos tempos e mundos, muito próximas do maravilhoso, que correm sob as etiquetas de heroic fantasy ou sword and sorcery. O mesmo, de resto, se poderá dizer dos seus sucedâneos mais simplistas, populares embora entre os leitores menos exigentes, muito vulgares em filmes ou séries televisivas e depreciativamente designados pela expressão space opera. Por fim, convirá alertar contra qualquer confusão, de resto fomentada por certas editoras, entre ela e os textos sobre esoterismo, adivinhação, astrologia, ocultismo ou alegados encontros com extraterrestres, publicações que, um pouco por toda a parte, exploram o apelo do mistério ou a pura superstição.³

Na verdade, o grande problema é que o termo ficção científica, FC, science fiction, sci-fi ou SF, reúne ao mesmo tempo obras de qualidade duvidosa com outras muito bem conceituadas, e muitas revelam apenas os efeitos negativos da ciência, da tecnologia e do desenvolvimento. As *viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, já desvelava as terras mais estranhas e habitantes que podem se ocupar com conspirações enquanto o país se arruína. Mas é no século XIX que o desenvolvimento industrial e tecnológico se acelera e as visões futuristas, positivas ou negativas, que datam do Renascimento, se manifestam como parte das construções sociais e humanas e sua eterna visão de progresso e desenvolvimento. É natural então que isso também se propague por meio da literatura. O estranho, fantasmas e monstros, darão lugar ao impossível, duendes, gênios ou demônios. Físicos, bioquímicos e astrofísicos que se tornarão colaboradores literários.

Como afirma o inverossímil e o não possível, como contraria a realidade e a verdade, como cria “mundos” que não existem, como contesta aquilo que se percebe no mundo do visível, a ficção científica antecipatória e especulativa são vistas como

³ In: http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/F/ficcao_cientifica.htm Acesso em 28/12/2007.

subversivas, sobretudo em períodos racionalistas, cuja ciência é capaz de comprovar o que “é” e o que “ não é”, um gênero que não poderia ser aceito por uma crítica habituada a uma escrita realista. Assim, o fantástico, a ficção científica, sempre foram desconsiderados, e vistos pela crítica como gêneros marginais, cujos textos estariam voltados para o público infantil ou todos aqueles que culturalmente são levados a admirar uma literatura menor, mais fácil de ler e entender e todos aqueles que queriam da literatura apenas as histórias que pudessem ser lúdicas. Talvez devido a esse prejulgamento do termo “ficção científica” surgiu uma tendência para um termo como “ficção especulativa” que orientasse as avaliações de superioridade ou inferioridade artística. Assim, seria possível avaliar o lugar que escritores contemporâneos como Philip K. Dick e Stephen King ocupam diante de escritores renomados como Julio Verne, H. G. Wells. Há uma preocupação aqui em conectar a ficção científica com as obras universais de invenção literária que também são canônicas. Além disso, mais do que o fantástico, que a ficção antecipatória, caracterizada por uma preocupação social maior, e a ficção especulativa, outros gêneros se somaram a esses como o *ciberpunk*, que fundiu o homem com a máquina num mundo totalitário como o de William Gibson e Bruce Sterling, a *ficção científica hard* cujas histórias baseiam-se no estado atual do desenvolvimento científico, muitas vezes apresentando físicos ou químicos como escritores e a *space ópera*, repleta de clichês, de aventuras românticas, planetas distantes e espaçonaves voadoras.

Na ficção antecipatória, as histórias se passam no nosso planeta e as personagens são seres reconhecidamente humanos, as máquinas, embora ultrapassem as nossas em desenvolvimento, já são invenções científicas asseguradas, não há alienígenas e monstros. Nada está fora do nosso universo de possibilidade embora possa ir além dele. No entanto, não há um abandono da visão científica, tecnológica, maquínica e desenvolvimentista. Por isso, ao relacionarmos (ou tentarmos fazê-lo) a ciência à literatura, esse seria o gênero no qual ambas estão, sem dúvida, mais visíveis. Não há o científico sem a ciência e tal ficção, baseando-se na ciência existente, é capaz de antecipar possibilidades, pois sem alguns conhecimentos de ciência e tecnologia, mesmo que pouco avançados, não seria possível escrever ficção científica. Além disso, parece ser da essência da ficção científica que se extrapole o presente e haja uma projeção no futuro com base num determinado estágio de desenvolvimento científico e tecnológico, antecipando possibilidades que se concretizarão ou não. Como se volta

para o futuro, o texto literário científico antecipa apenas idéias ou, com certeza, muito do que está escrito como mera possibilidade e resultado da imaginação e, dessa maneira, acaba por constituir e construir caminhos para a pesquisa científica. Será que não foi a partir da idéia da existência de um robô, de um clone, visto como impossibilidades técnicas em um determinado período, mas como possibilidade literária que fez com que o homem pesquisasse exatamente estas “possibilidades”? A ciência vista em seu período histórico como desenvolvimento social influenciou escritores e seus textos já produzidos, mas será que o inverso também não faz parte do universo da verdade e da realidade? É de se supor então que é preciso que quem escreve deixe de renegar e desconhecer a ciência e que os cientistas invistam na em suas formações literárias, caso contrário, dificilmente teremos uma literatura e uma ciência que se pautem pela inovação e contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- _____. **A transparência do mal**: ensayos sobre os fenómenos extremos. São Paulo: Papirus Editora, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo, Editora UNESP, 2004.
- BRONOWSKI, Jacob. **O olho visionário**: ensaios sobre arte, literatura ciência. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CAMPOS, Roland de Azeredo. **Arteciência**: afluência de signos co-moventes. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na arte**: da fotografia à realidade virtual. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.
- DOMINGUES, Diana (Org.). **A arte no século XXI**: a humanização das tecnologias. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1996.
- POINCARÉ, Henri. **O valor da ciência**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.
- SADOUL, Jacques . **Une histoire de La science-fiction**: 1950 – 2000, Librio: Paris, 2001.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade**: o uso humano de seres humanos. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

Andréa Coutinho é mestre em Literatura pela Universidade de Brasília e doutoranda em Teoria da Literatura pela mesma Universidade; professora da Universidade Católica de Brasília. (andream@ucb.br)

A Εσχριτα δο Φραγμεντο

Susana Souto Silva (UFAL)

RESUMO: Este artigo discute o fragmento como constitutivo da escrita clariceana, a partir de crônicas dessa autora publicadas no livro *A descoberta do mundo* (1984).

Palavras-chave: Clarice Lispector, crônica, fragmento.

ABSTRACT: *This article discusses the fragment as part of the writings of Clarice Lispector, from the chronicles the writer published in the book "A descoberta do mundo" from 1984.*

Key-words: *Clarice Lispector, chronicles, fragment.*

*Não se resiste
Ao deus atroz
Que os próprios filhos
Devora sempre.
(Ricardo Reis)*

De todas as imagens que a mitologia grega nos legou, a que representa a noção de tempo é uma das mais instigantes: Cronos, o pai devorador. A sua narrativa assustava-nos e comove-nos. Fala do que é em nós a corrosão cotidiana do tempo, a cruel irreversibilidade do tempo, que, ao passar, “imprime em toda flor sua pisada”, como canta Gregório de Matos.

Cronos (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cronos>), o deus, simultaneamente, doador e devorador da vida, é uma bela metáfora do tempo. Para escaparmos a essa devoração constante ou, ao menos, para esquecê-la ou lembrá-la esteticamente, temos a arte, e, mais especificamente, temos a literatura, a arte que se faz com palavras.

Cronos está presente em diversos vocábulos: cronológico, diacrônico, sincrônico. Está inscrito na palavra “crônica”, que pode ser lida como adjetivo (quando qualifica uma doença, por exemplo) e como substantivo, quando usado como gênero do discurso. Como gênero, foi muitas vezes considerado menor. Nos últimos tempos, porém, a crítica tem tentado quebrar essa régua invisível e injusta para se defrontar com os textos, sem a perspectiva de medi-los. Como destaca Carlos Heitor Cony, um dos cronistas em atividade no Brasil:

A crônica só é gênero menor em termos de literatura. Admite-se como inabalável a certeza de que a literatura tende a ser perene, intemporal. Não faltam teóricos para garantir que a arte, nela incluindo a arte literária, existe para superar a morte. E, se a literatura busca a infinitude, a crônica é crônica mesmo, expressão de finitude. É temporal, fatiada da realidade e desvinculada do tempo maior que é o da literatura como arte. (Disponível em <http://www.saa.com.br/quadro/ponto/cronica.htm>. Acesso em maio de 2007).

A crônica atuaria, assim, em uma dupla temporalidade: a pretensamente perene da arte e a precária, fugaz, do jornalismo. O jornal é um suporte que comporta, simultaneamente, o que sobrevive e o que sucumbe à passagem do tempo:

Mas daí não se deve concluir que ela seja uma defunta. Dizem que se trata de produto típico do jornalismo brasileiro, mas não exclusivo. Sendo por definição um texto datado, tem fases, sacrifica-se a modismos, mas, devido à elegância ou habilidade de seus cultores, consegue sobreviver em diferentes manifestações pleonasticamente crônicas: como gênero (crônica) e como vinculada a um tempo (crônica também). (Disponível em <http://www.saa.com.br/quadro/ponto/cronica.htm>. Acesso em maio de 2007).

Flora Bender e Laurito Ilka também destacam a dificuldade de definir a crônica de modo categórico, devido ao seu caráter de gênero misto, de gênero impuro (mas qual seria, hoje, depois do advento do romance, puro?), em *Crônica* - história, teoria e prática (1993, p. 34):

Quantos de nós divagamos sobre as pequenas coisas do dia-a-dia? Muitas das quais não aparecem estampadas nas manchetes dos jornais, revistas ou programas televisuais. São estes pequenos acontecimentos tão particulares - detalhes da nossa infância; reflexões filosóficas ou metafísicas sobre a vida, sobre os acontecimentos noticiados ou mesmo o efeito em nós de uma brisa suave numa tarde de domingo - motivadores de um texto, localizado nos periódicos, que para muitos teóricos é considerado ambíguo (misto de referencialidade jornalística e narração literária), mas que se estudado detalhadamente apresenta autonomia estética, semântica e enorme abrangência temática, a crônica.

Gênero híbrido, avesso às definições estanques, mergulhado no fluir do tempo e sujeito as suas transformações, publicado em veículos nos quais predominam outras textualidades, a crônica tem com o tempo a relação de texto curto, que aborda um acontecimento atual (do tempo presente) e que também não se inscreve naquele desejo de sobreviver a ele. Mas muitas crônicas escapam das folhas que são levadas para embalar peixe ou acender o fogão à lenha. Entre essas páginas, quase sempre estão as crônicas que são depois recuperadas em livros.

Clarice cronista: inclassificável?

No caso de Clarice Lispector, a problematização das possibilidades de escrita e seu constante insurgir-se contra a limitação das classificações levaram-na a escrever crônicas também diferenciadas. Por falta de tempo, ou, como ela mesma declara, por não saber muito bem o que significava escrever crônicas, a autora de *A hora da estrela* (1977) selecionava um fragmento (palavra importante para pensarmos a sua escrita) de um dos seus livros – romance ou conto – e mandava-o para o jornal. Outras vezes, enviava um conto curto, que, posteriormente, era publicado com outro título em livro, como conto, não como crônica.

Clarice publicou muitas de suas crônicas no *Jornal do Brasil*, entre agosto de 1967 e dezembro de 1973. Vários desses textos foram depois lidos, selecionados e republicados no livro *A descoberta do mundo*. Vejamos alguns procedimentos utilizados pela autora para tecer suas crônicas, para desnortear o tempo, principalmente o tempo da leitura.

Uma consideração inicial é o caráter fragmentário da crônica clariceana. Sua escrita trabalha contra a idéia de linearidade; os seus livros parecem dizer-nos, entre muitas outras coisas, que não há possibilidade de encadeamento lógico em que a causa preceda o efeito, criando, assim, um universo no qual o sentido estaria ancorado em uma articulação na qual predomina a causalidade, a explicação, o explícito. Antes, as suas narrativas fazem-nos desconfiar sequer da possibilidade de articulação de sentidos de modo inteligível. Somos lançados em um espaço em que a literatura flerta com a loucura, com o sem-sentido. Somos desarticulados ou temos, ao menos, a noção de leitura como decifração desarticulada, em textos nos quais os enigmas se sucedem sem promessa de descoberta, pelo narrador ou pelo leitor, de seu segredo.

Em sua estréia, a fragmentação assustou os primeiros críticos. Álvaro Lins, Antonio Candido, Sérgio Milliet, críticos de renome, perguntaram-se se *Perto do coração selvagem* era mesmo um romance. Para Candido e Lins, a descontinuidade dos quadros, decorrente da fragmentação da narrativa, comprometia o romance, entendido, então, como um gênero em que predominava a estreita articulação entre partes que se seguiam, em uma dinâmica da sucessividade articuladora do sentido, entendido como superposição de dados e elementos da narrativa que mutuamente se complementavam e esclareciam. A crítica estava, naquele momento, orientada pela noção de romance realista, em moldes convencionais.

No conto, a fragmentação clariceana era mais tolerada. Ali, no espaço da narrativa curta, parecia que a escrita fragmentada estaria garantida/controlada e podia ser exercitada sem perigo para a articulação dos sentidos de um modo reconhecido pelos protocolos de leitura e escrita vigentes, pelos modos de ler e de escrever consagrados pela tradição.

E a crônica? A crônica traz, para a cena da obra clariceana, a possibilidade radical de fragmentação.

Primeiro, por ser já um texto que não tem definição rígida, sendo visto mesmo como fragmento, como reflexão, narrativa, discussão, enfim, como seleção de um pedaço do tempo, do tempo cotidiano, político, cultural, do tempo em que o jornal atua, em que a história transcorre. Assim como Cronos, o cronista também devora seu bocado de tempo e dele faz seu texto, dando-lhe novos possíveis sentidos, deslocando o fato do olhar jornalístico ou historiográfico, das garras da ciência ou da informação, para oferecer-lhe o tempo da permanência da literatura, o tempo da fruição estética, que se abre para além da leitura do jornal.

Segundo, porque muitas das crônicas de Clarice são de fato pedaços, fragmentos, dos seus livros, dos livros que ela estava escrevendo e nos quais estava realmente interessada. Devemos lembrar que ela escreveu crônicas, porque o ofício de escritora de textos literários não supria suas necessidades financeiras, assim, ela produzia esses textos sem interromper sua escrita de romances e contos.

A crônica que se segue, por exemplo, foi publicada no *Jornal do Brasil* e, depois, em *Água viva*, livro de difícil classificação, conduzido por uma espécie de narrador lírico, que filtra tudo que narra por uma perspectiva interiorizada. O fragmento de *Água viva* que se transformou em crônica, quando é inserido nesse volume, não segue um encadeamento que o torna prisioneiro da dinâmica da sucessividade, predominante na noção de narrativa. E como crônica publicada em jornal também se distancia da idéia de comentário de acontecimento atual ao tempo da sua produção. É mais uma reflexão sobre as (im) possibilidades da palavra, mesmo da palavra em estado de literatura.

Escrever as entrelinhas

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever *distraidamente*. (LISPECTOR, 1980, p. 21; 1984, p. 120)

Nesse fragmento/crônica, temos também um tema recorrente da escrita de Clarice Lispector: a metalinguagem. A palavra vista como frágil, mas também como único caminho possível para estabelecermos algum vínculo com o outro, com o mundo. Aponta, inicialmente, para a existência de algo fora da linguagem, “o que não é palavra”, para, em seguida, constatar a existência apenas da palavra, ao menos como algo que nós, humanos, alcançamos. O que podemos apreender é o que se nos oferece, em um mundo humano, histórico, como linguagem.

Muitas são as crônicas sobre o ato de escrever, sobre a linguagem. A que se segue aborda a relação entre memória e escrita. Esta última sendo vista como um espaço simbólico em que o paradoxo habita, uma vez que “escrever é lembrar-se do que não existiu”. Como é possível essa memória do que não existiu? Com essa provocação, o leitor de Clarice é levado a questionar-se e a questionar a noção de memória como atrelada ao pretérito, como resgate do que de fato ocorreu. A memória aqui é pensada como ficção, como criação. A escrita, assim, é o lugar em que tudo passa pelo crivo da invenção, nada mais existe como dado, como fato, como determinado previamente. Processo de contínua (re/des) construção, em que deslocamentos são operados.

Lembrar-se do que nunca existiu

Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem ao menos sei? assim: como se me lembrasse. Com um esforço de *memória*, como se eu nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro, e a lembrança é em carne viva. (LISPECTOR, 1984, p. 58)

Para terminarmos essas breves reflexões sobre a crônica clariceana e seu caráter fragmentário, um último comentário sobre um texto que se volta, assim como os anteriores, para a escrita. Agora não para a escrita como processo, mas para a circulação

do texto, para o trabalho realizado por um outro profissional que também interfere na tessitura do escrito: o linotipista. Há uma defesa do “erro”, de uma sintaxe que se distancia da convencional, pela pontuação que respeita a “respiração da frase”. Acusada tantas vezes de não se submeter aos ditames da norma culta, Clarice reivindica uma margem de liberdade, a transgressão, a possibilidade de respirar, de não sufocar seu texto nas águas de um conjunto de regras que são também passíveis de questionamento e mudança.

Ao linotipista

Desculpe eu estar errando tanto na máquina. Primeiro é porque minha mão direita foi queimada. Segundo, não sei por quê.

Agora um pedido: não me corrija. A pontuação é a respiração da frase, e minha frase respira assim. E se você me achar esquisita, respeite também. Até eu fui obrigada a me respeitar.

Escrever é uma maldição. (LISPECTOR, 1984, p. 154)

Se escrever é uma maldição, como afirma no final da crônica acima, então, a literatura é lugar dos amaldiçoados, dos que enfrentam o desafio de buscar, pela palavra, um caminho possível para o enfrentamento do tempo que a tudo devora, sabendo que somos seres de memória, memória tecida pela linguagem, com suas falhas, suas lacunas, seus silêncios que nos recortam e nos recordam da morte.

Referências Bibliográficas

BENDER, Flora & ILKA, Laurito. **Crônica** – história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993. [Col. Margens do Texto].

CONY, Carlos Heitor. **A Crônica como gênero e como anti-jornalismo**. Disponível em: <<http://www.saa.com.br/quadro/ponto/crônica.htm>> Acesso em: 10 mai. 2007.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Água viva**. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PESSOA, Fernando. Odes de Ricardo Reis. In: _____. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

Susana Souto Silva é mestre em Literatura pela Universidade de São Paulo e doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Alagoas. (susoutos@yahoo.com.br)

Ος Παρ®μετρος Χυρριχυλαρες Ναχιο ναισ ε ο Ενσινο δε Ινγλ| σ νο Βρασιλ¹

Rozana Reigota Naves (UnB)
Dalva Del Vigna (UCB)

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados preliminares da pesquisa intitulada “Uma abordagem comparativa para o ensino de língua portuguesa e de língua inglesa com base nos PCN do Ensino Médio e na utilização de novas tecnologias da informação e da comunicação”, especificamente no que concerne a história do ensino de inglês nas escolas de ensino médio do Brasil. Esta pesquisa foca os objetivos dos parâmetros curriculares nacionais (PCN) de inserir a disciplina de língua inglesa (entre outras) numa área maior rotulada “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”. Para a análise foram considerados os documentos oficiais das políticas públicas educacionais brasileiras e outras abordagens da lingüística aplicada relacionadas à área.

Palavras-chave: Educação, políticas públicas, história do ensino de língua estrangeira, língua inglesa.

ABSTRACT: This paper presents preliminary results of the research entitled “A comparative approach to the teaching of Portuguese and English taking into account the PCN from Middle School and the use of new educational technologies”. These results concern the history of English teaching in Brazilian High Schools, considering the goals from the Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) to include the subject English Language (among others) in a larger area labeled “Languages, Codes and their Technologies”. The research takes into consideration official documents from the Brazilian educational public policies and other approaches on applied linguistics related to the area.

Keywords: Education, public policies, history of foreign language teaching, English Language.

Introdução

Neste trabalho, investigamos algumas das principais propostas apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) quanto ao ensino de línguas estrangeiras no nível Médio e discutimos como os objetivos dos PCN podem orientar a prática de ensino da língua inglesa atualmente. Primeiramente, fazemos uma pequena retomada histórica do tema e depois consideramos textos dos PCN sobre o ensino-aprendizagem de língua estrangeira no Ensino Médio.

¹ Uma versão deste artigo foi apresentada na X Convenção Nacional do BrazTesol, realizado em Brasília-DF, em 2006. Agradecemos a participação da profa. Maria Fernanda Rodrigues (UCB) que, naquela ocasião, fazia parte do grupo de pesquisa. Esta pesquisa tem sido financiada pela Universidade Católica de Brasília.

A história do ensino de língua estrangeira no Brasil

Como o Brasil foi um país colonizado, ao tratar de questões relacionadas à educação, não podemos deixar de considerar o controle institucional absoluto do colonizador sobre sua colônia. Conforme Oliveira (1999), durante dois séculos e uma década, os jesuítas mantiveram monopólio na educação brasileira, encerrando-se este com o Alvará de 28 de junho de 1759, assinado pelo rei D. José I, mas idealizado pelo ministro Marquês de Pombal. Esse Alvará resulta na chamada Reforma Pombalina, que passa a ser a primeira tentativa do Estado de gerir a educação secundária da colônia. Como a história nos mostra, essa reforma não logrou grandes resultados e, assim, em lugar de um sistema mais ou menos unificado, o ensino passou a ser disperso e fragmentário, baseado em aulas isoladas que eram dadas por professores leigos.

A chegada de Dom João VI ao Brasil, em 1808, proporciona algumas mudanças fundamentais no panorama educacional brasileiro, pois o monarca cria os primeiros cursos superiores não-teológicos, com o objetivo de formar profissionais qualificados. Nesses cursos, seriam formados oficiais e engenheiros, civis e militares, médicos e arquitetos. No plano cultural, as ações de D. João VI também se fazem notar com a fundação de grandes instituições como a Imprensa Régia, a Biblioteca Pública, o Teatro Real de São João e o Museu Nacional. (OLIVEIRA, 1999).

A fundação dessas instituições, entretanto, pouco modificaram a situação do ensino primário e secundário no Brasil, pois Dom João VI preocupava-se exclusivamente com os cursos superiores que atendiam às necessidades do mercado de trabalho, ficando a educação brasileira, principalmente a secundária, privilégio da minoria latifundiária ou da elite da corte. Esse privilégio das elites instaurou no país, em termos educacionais, uma tradição aristocrática que nasce na época dos jesuítas.

As primeiras cadeiras de língua estrangeira no Brasil foram criadas em 22 de junho de 1809, com a assinatura, pelo Príncipe Regente, do decreto que criava uma cadeira de língua francesa e outra de língua inglesa, com o fim de aumentar e fazer prosperar a instrução pública. A criação das cadeiras de ensino dessas duas línguas nasce com uma forte preocupação pragmática, uma vez que os conteúdos, apesar de ainda literários e humanistas, eram formulados para atender a fins práticos – sobretudo depois da abertura dos portos para o comércio estrangeiro, em 28 de janeiro de 1808. A ênfase no ensino das línguas recaía sobre o aprendizado das regras gramaticais e do

léxico das línguas inglesa e francesa, em suas modalidades oral e escrita, e sobre o conhecimento dos padrões culturais circundantes a essas línguas.

Das ações oficiais, vale lembrar a fundação do Colégio de Pedro II, que tem um impacto significativo no ensino de inglês, pois é ali que se inicia o estudo de língua inglesa como disciplina obrigatória do currículo escolar.

Desde a sua implantação, o ensino brasileiro passa por inúmeras reformas e leis que visam a orientar as ações educacionais do país. Durante o Império, são oito reformas; na 1ª. República, são cinco; depois da 1ª. Guerra Mundial, são formuladas duas leis e um método oficial de ensino; e durante o Estado Novo, aprova-se uma lei que enfatiza os estudos gramaticais, os exercícios de tradução, de versão e a redação, principalmente a de cartas.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional de 1961 e a de 1971, segundo Paiva (2003), deixam de lado as línguas estrangeiras, ao não incluí-las entre as disciplinas obrigatórias. As duas LDBs delegam, então, aos conselhos estaduais a decisão sobre esse ensino. Após essas duas LDBs, outras leis são formuladas para gerir o ensino no país e, em todas elas, a questão do ensino de língua estrangeira é abordada, mas nem sempre tratada com a importância que se deveria dar ao assunto.

Com a chegada da Lingüística ao país, no início dos anos 60, setores não-governamentais começam a intervir no panorama do ensino de línguas estrangeiras, principalmente no de língua inglesa. Nesse período, é lançada a Revista Estudos, do Departamento de Estudos e Pesquisas do Instituto de Idiomas Yázigi, e nos meados dessa década é criado o Centro de Lingüística Aplicada, por esse mesmo instituto (ALTMAM, 2003). Já no final do século XX, mais precisamente em novembro de 1996, a Associação de Lingüística Aplicada do Brasil (ALAB) promove o primeiro Encontro Nacional de Política de Ensino de Línguas (I ENPLE), que propõe um plano emergencial para o ensino de línguas no país, pois, segundo a Associação, todo brasileiro tem direito à cidadania plena que, no mundo atual, inclui a aprendizagem de línguas estrangeiras. A ALAB enfatiza que o ensino de línguas estrangeiras não deve visar apenas a objetivos instrumentais, mas à formação integral do aluno.

Um mês depois do I ENPLE, é promulgada a nova LDB, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que torna obrigatório o ensino de língua estrangeira a partir da quinta série do Ensino Fundamental e estabelece que, no Ensino Médio será incluída

uma língua estrangeira moderna, numa disciplina obrigatória, a ser escolhida pela comunidade escolar e também uma segunda língua estrangeira optativa, dentro das possibilidades da instituição. Em 1998, são publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais pelo MEC.

Atualmente, o ensino de línguas no Brasil é oferecido em contextos distintos de escolas regulares, públicas e particulares e, ainda, em escolas livres de línguas.

Os PCN e o ensino de línguas estrangeiras

Para os objetivos desse trabalho, consideramos o ensino regular de língua estrangeira moderna – no caso da maioria das escolas brasileiras, a língua inglesa –, tal qual é previsto pelos PCN. Conforme Almeida Filho (2003), o ensino de inglês nas escolas regulares produz resultados menores do que aqueles esperados e previstos pela legislação em vigor. Por outro lado, as escolas livres são aquelas que mantêm o melhor nível de ensino dessa língua. Entretanto, algumas escolas livres podem, assim como as oficiais, oferecer ensino de qualidade questionável, principalmente por adotarem modismos e soluções mirabolantes sugeridas pelo mercado para atrair clientes (por exemplo, sono-aprendizagem, método subliminar, neurolingüística, etc.). Apenas uma minoria dessas escolas constitui-se em exceção na produção de contextos ricos e facilitadores da compreensão para a aprendizagem de línguas com o propósito de uso social e profissional.

Quando analisamos o ensino de línguas nas escolas, sejam elas pertencentes à rede oficial ou não, deparamo-nos com grandes equívocos metodológicos que resultam em práticas ineficazes. Como vimos na breve introdução histórica, essa prática no Brasil privilegia o estudo da língua pela língua, com ênfase na forma gramatical que se engessa em conhecimentos descontextualizados, contrariamente ao que apregoam os PCN.

A meta principal para o ensino de línguas estrangeiras no nível Médio, de acordo com os PCN, é a comunicação oral e escrita, que o documento entende como “uma ferramenta imprescindível no mundo moderno, com vistas à formação profissional, acadêmica ou pessoal”. A ênfase dada a esse tripé – o profissional, o acadêmico e o pessoal –, deve-se ao contexto de um mundo globalizado, onde o conhecimento eficaz de línguas, seja a materna, a nacional ou as estrangeiras, funciona como um meio de realização do indivíduo.

Assim, as competências esperadas do aprendiz não podem privilegiar apenas uma habilidade. Espera-se hoje, que o indivíduo seja capaz de falar, ler, escrever e entender uma língua estrangeira sem muitas dificuldades, considerando-se que o mundo midiático exige dele muito mais do que era exigido nos séculos passados. Os PCN corroboram essa visão quando afirmam que as línguas estrangeiras modernas, “consideradas, muitas vezes e de maneira injustificada, como disciplina pouco relevante”, adquirem, na nova LDB, a configuração de disciplina tão importante como qualquer outra do currículo, do ponto de vista da formação do indivíduo.

Ainda segundo os PCN, para os jovens e adultos exercerem a cidadania, é necessário que se comuniquem, compreendam, saibam buscar informações e sejam capazes de interpretá-las e de argumentar a partir delas, o que implica o desenvolvimento de todas as habilidades linguísticas. A aprendizagem da língua estrangeira é, portanto, necessária como instrumento de compreensão do mundo, de inclusão social e de valorização pessoal.

Nos PCN, a linguagem, por ter característica transdisciplinar, é vista como o elo entre todas as áreas de ensino, e a aprendizagem de língua estrangeira é concebida como fonte de ampliação dos horizontes culturais. Em face da realidade do mundo contemporâneo, globalizado e tecnologicamente mais desenvolvido que o de outras épocas, o ensino-aprendizagem de língua estrangeira não se concebe mais como um processo estático, circunscrito apenas aos atos de ler e escrever minimamente.

Palavras finais

Como dissemos no início deste artigo, o trabalho nasce de uma pesquisa em andamento na UCB, que visa a desenvolver uma proposta de abordagem comparativa para o ensino de língua portuguesa e de língua inglesa, tendo como base os PCN do Ensino Médio e o uso de tecnologias educacionais, de forma a contribuir para a reforma educacional que se propõe nos PCN.

A pesquisa tem como hipóteses a de que uma abordagem comparativa das gramáticas da língua portuguesa e da língua inglesa possa, na concepção de interdisciplinaridade da área de “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”, indicar os conteúdos e metodologias relevantes e a de que as novas tecnologias podem contribuir não somente para as metodologias a serem utilizadas no Ensino Médio como também para a formação dos professores de línguas.

Concluímos afirmando que acreditamos que os PCN apontam a direção quanto aos conteúdos e metodologias a serem desenvolvidos no ensino de línguas estrangeiras quando abordam a necessidade de se ampliar a visão de conteúdo para além dos conceitos e da nomenclatura gramatical e quando ressaltam a necessidade de se valorizarem o trabalho dos professores, já que esses são mediadores do conhecimento socialmente produzido. Como pesquisadores, estamos procurando ver os PCN como um documento que pode nortear ações no ensino-aprendizagem de língua estrangeira, no caso aqui abordado, a inglesa, mas de forma crítica, não dogmática e passível de outras interpretações.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. “Ontem e Hoje no Ensino de Línguas no Brasil”. In: STEVENS, C.M.T. **Caminhos e colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: Ed. UnB, 2004.

ALTMAN, Cristina. **A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

MIRANDA, Débora Fernandes de. **Parâmetros curriculares nacionais de ensino fundamental e de ensino médio para língua estrangeira: leitura articulada e percepção de professores**. Campinas. 2005. 129 p. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, SP, 2005.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo Meneses de. **A historiografia brasileira da literatura inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951)**. Campinas, 1999. 189 p. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, SP, 1999.

PAIVA, V. L. M. A LDB e a Legislação Vigente sobre o Ensino e a Formação de Professor de Língua Inglesa. In: STEVENS, C.M.T. **Caminhos e colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: Ed. UnB, 2004.

Rozana Reigota Naves é doutora em Lingüística pela Universidade de Brasília; professora e pesquisadora da mesma Universidade. (rnaves@unb.br)

Dalva Del Vigna é mestre em Lingüística pela Universidade de Brasília; sua principal área de interesse é a Fonologia: da língua portuguesa, da língua inglesa e de línguas indígenas brasileiras. (ddvigna@yahoo.com.br)

Διϋλγα| ©ο Χιεντ|φιχα: α ρεϋιστα Νοϋα Εσχολα¹

Roshni Mariana de Mateus (UCB)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar e compreender o discurso da divulgação científica, analisando um artigo publicado em uma revista de grande circulação no meio educacional: “Einstein no ensino fundamental. Por que não?” publicado pela Revista Nova Escola. Propõe-se aqui uma reflexão, sob a perspectiva teórica e metodológica da Análise de Discurso de Michel Pêcheux, acerca de como se produz a institucionalização de um modo de dizer-distribuir ciência para o grande público leitor e de como se dá a autoria em uma prática de escrita específica, traçando uma relação entre o artigo analisado e um “Guia de Divulgação Científica” organizado pela SciDev.Net, logo, entre autoria e efeito-leitor.

Palavras-chave: Divulgação científica, Análise de Discurso, autoria, efeito-leitor.

ABSTRACT: *The aim of this project is to analyze and understand the discourse of scientific popularization, by analyzing an article published in a widely-read magazine in the educational métier: “Einstein no ensino fundamental. Por que não?” published by Nova Escola Magazine. We propose a reflection, under Michel Pêcheux’s theoretical and methodological Discourse Analysis, about how a way of saying-distributing science to general readers is institutionalized. We also aim at analyzing how authorship takes place in the practice of a specific kind of writing, tracking the relation between the article and a Scientific Popularization Guide organized by SciDev.Net, i.e., between article and reader-effect.*

Keywords: *Scientific popularization, Discourse Analysis, authorship, reader-effect.*

Este trabalho inscreve-se em um projeto mais amplo denominado “Educação e Ciência: representações e práticas”, desenvolvido na Universidade Católica de Brasília, envolvendo as áreas de lingüística, literatura, física e química e tendo como referencial teórico e metodológico a Análise de Discurso, sustentada pelos trabalhos de Michel Pêcheux e Eni P. Orlandi.

O trabalho desenvolvido nesse grupo de pesquisa se desenvolveu a partir de um questionamento mais amplo. Como a escrita se transforma em texto de divulgação científica em um determinado momento histórico? No entanto, vamos nos ater a um objetivo mais específico: o de analisar e compreender o discurso da divulgação científica que está circulando em uma revista muito usada no meio educacional: a Revista Nova Escola, editada pelo Grupo Abril. Propomo-nos aqui a uma reflexão

¹ Este trabalho foi apresentado no SILEL - XI Simpósio Nacional de Letras e Lingüística & I Simpósio Internacional de Letras e Lingüística, realizado na Universidade Federal de Uberlândia, em 2006.

acerca de como se produz a institucionalização de um modo de dizer-distribuir ciência para o grande público leitor e de como se dá a autoria em uma prática de escrita específica de textualização da ciência. Fizemos um recorte e escolhemos para análise o artigo intitulado “Einstein no ensino fundamental. Por que não?”, da edição de abril de 2005, quando a Revista elege o ano de 2005 como “O ano das ciências na Escola”.

Na descrição-análise desse artigo, estabelecemos uma relação com um “Guia de Divulgação Científica” organizado pela SciDev.Net², publicado em parceria com a Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social do Ministério da Ciência e Tecnologia, com o apoio da SBPC e ABJC, e que foi objeto de análise de outro trabalho. Agora, vamos observar como as propostas do Guia, que visam à formação do divulgador de ciência, estão funcionando em uma revista como a Nova Escola para dar conta de uma nova textualidade na relação da ciência com a mídia, e ajudando a construir uma autoria determinada, e seus efeitos de sentido e de sujeito (leitor de ciência), no caso, o professor.

Antes de partir para a análise e descrição do artigo selecionado é importante localizarmos o texto em questão, ou seja, explicitarmos algumas de suas condições de produção, a fim de que possamos compreender a ordem do discurso e os efeitos de sentido que aí se produzem, observando as representações de ciência, de professor e de aluno.

A Revista Nova Escola é uma publicação mensal, editada pela Fundação Victor Civita, desde 1986, e subsidiada, através de parcerias com o Governo Federal, o que permite sua distribuição gratuita às escolas públicas, ou seja, é uma revista de grande expressividade no que concerne à divulgação de idéias e práticas pedagógicas instituídas pelo Estado. Sendo assim, podemos dizer que se trata de um veículo institucional unindo público e privado.

É também importante destacar que em análise construída em outro trabalho, observamos como o Estado brasileiro, através de suas instituições, está produzindo uma textualização específica do discurso científico articulado ao discurso jornalístico. Neste outro trabalho de pesquisa, escolhemos para descrição e análise um dos quatorze artigos do Guia citado anteriormente: o “Pequeno manual de divulgação científica – Um

² Science and Development Network - Rede de Ciência e Desenvolvimento. Site de divulgação científica em português, inglês e espanhol. Possui textos de divulgação científica de países da América Latina, África, Oriente Médio, Sul da Ásia e China.

resumo”³ de Cássio Leite Vieira, jornalista “freelancer” especializado em Ciências. Ao final, pudemos observar que as dicas analisadas, que visam formar divulgadores de ciência, vão muito além de uma simples informação ou de uma indicação de como fazer algo bem, pois constroem referentes e sentidos em determinadas direções (ideológicas).

Observaremos, agora, como essas dicas se materializam na Revista Nova Escola, como o modo de difusão do conhecimento científico está ocorrendo, e como estão sendo criados os efeitos de sentido e o efeito-sujeito à luz de um Guia que não possui apenas um aspecto utilitário e pragmático, como já dissemos, mas que traz um jogo complexo de interpretação e coloca a Ciência no cotidiano da vida social.

Nesse sentido, começamos a análise do artigo intitulado “Einstein no ensino fundamental. Por que não?”. O artigo em questão foi escolhido por abrir o ano das ciências na Revista, como já foi dito. Vejamos um trecho do editorial intitulado “Caro professor”:

“2005 inaugura na revista ESCOLA uma série de reportagens para agitar o ensino de Ciências (o Fala, Mestre! com Marcelo Gleiser também faz parte da série). Por que Ciências? Simples: 2005 é o ano do centenário da Teoria da Relatividade e do cinquentenário da morte de Einstein, e foi proclamado pela Unesco o Ano Internacional da Física”.

Como se pode observar trata-se de “agitar” o ensino. Podemos pensar então que noção de educação é essa que busca “agitar” o ensino? Muito mais poderia ser apreendido e analisado neste editorial, porém vamos nos ater ao artigo que constitui a principal chamada da capa, intitulada “Einstein Para Crianças” e como este sinaliza para diferentes relações implicadas nesse processo de divulgar ciência tanto para professores quanto para alunos.

O artigo começa dando dicas de como e o quê o professor pode trabalhar acerca das teorias elaboradas por Einstein levando em consideração alunos do Ensino Fundamental. Depois passa a se ater à biografia de Einstein; conta sua infância, sua relação com os pais e o descreve como alguém extremamente curioso; fala de sua vida afetiva, de suas esposas e de sua genialidade. A autora do artigo continua com a biografia, relacionando agora as descobertas científicas de Einstein com alguns

³ “Pequeno Manual de Divulgação Científica – Dicas Para Cientistas e Divulgadores de Ciência”, publicado em 1999.

acontecimentos no mundo. Ao final, a autora constrói exemplos e imagens para explicar como Einstein desenvolveu algumas de suas mais famosas teorias.

A própria estrutura da matéria nos ajuda a compreender o funcionamento do texto de divulgação científica. O artigo está dividido por subtítulos, a saber: “Ele foi um aluno brilhante”, “Autodidata e curioso”, “O primeiro emprego foi de professor”, “1905: o ano da genialidade”, Humanismo e ciências de mãos dadas”. Em seguida, começa uma parte diferenciada no texto intitulada “A relatividade restrita” e, ao fim, traz uma série de sugestões de como trabalhar as idéias de Einstein no Ensino Fundamental e utiliza os seguintes subtítulos: “De 1ª a 4ª série: Gincana do absurdo para estimular a criatividade”, “5ª e 6ª séries: É possível viajar no tempo?” e “7ª e 8ª séries: A arte ajuda a entender o espaço-tempo”, subtítulos esses que estabelecem uma relação imaginária entre a figura do cientista e o público leitor.

O Guia de Divulgação, aquele feito para formar divulgadores de ciência, diz: “Sugira títulos, eles são a primeira coisa a ser lida”. Sendo assim, a autora do artigo da Nova Escola, não foge à regra, cria títulos, subtítulos que vão construindo esse imaginário acerca da figura do cientista e da própria ciência. Palavras como “autodidata”, “aluno brilhante” e “genialidade” vão estabelecendo essas relações imaginárias entre o cientista, como uma figura diferenciada na sociedade, a ciência como algo para poucos, o divulgador, como alguém que faz a ponte entre esse ser brilhante que é o cientista e o público leitor (não brilhante, não gênio). José Horta Nunes (2001 p.32) comenta essa relação:

O discurso de divulgação científica estabelece uma relação imaginária entre o divulgador, o cientista e o público leitor. Para compreendê-lo, é preciso considerar o modo como essa relação se estabelece. O que ocorre, de um ponto de vista discursivo, é o entrecruzamento de diferentes espaços de significação: o do meio de divulgação, o da ciência e o do universo do público leitor.

É possível perceber então que, apesar de estarmos em 2005 e de se falar em “ciência”, o texto, logo a Revista, adota um modo de funcionamento caro ao discurso pedagógico: o de centrar o feito na figura de um único homem, prática comum nas aulas de História e de Literatura, por exemplo. O que isso significa? Significa negar que o conhecimento seja resultante de um processo, do qual participam vários homens e mulheres e de que seja histórico. Não coisa de um só homem, algo para poucos, para gênios. Mesmo com a aparência de moderno e inovador, aqui vemos um discurso

pedagógico funcionando de maneira autoritária para reforçar um imaginário acerca da figura do cientista. Achemos extremamente importante pensar o discurso pedagógico, principalmente do lugar em que estamos, ocupando a posição de professores e alunos, para que mudanças mais profundas comecem a acontecer em nosso sistema de ensino e não apenas aquelas que produzem um efeito de inovação.

Também podemos observar, analisando essa estrutura de títulos e subtítulos, os processos de individualização do sujeito em uma organização social capitalista como a nossa. Orlandi (2005, p. 107) diz:

Uma vez interpelado em sujeito, pela ideologia, em um processo simbólico, o indivíduo, agora enquanto sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individual (izada) concreta: no caso do capitalismo, que é o caso presente, a forma de um indivíduo livre de coerções e responsável, que deve assim responder, como sujeito jurídico (sujeito de direitos e deveres), frente ao Estado e aos outros homens. Nesse passo, resta pouco visível sua constituição pelo simbólico, pela ideologia. Temos o sujeito individualizado, caracterizado pelo percurso bio-psico-social. O que fica de fora quando se pensa só o sujeito já individualizado, é justamente o simbólico, o histórico e a ideologia que torna possível a interpelação do indivíduo em sujeito”.

Em uma estrutura capitalista, como é o caso do Brasil, fala-se em autodidatismo e genialidade como se a produção científica acontecesse de uma maneira individual e isolada, apagando-se assim os processos históricos. Não levar em consideração os discursos econômicos e políticos ligados à pesquisa científica, bem como tudo o que é estudado e desenvolvido até o momento de novas descobertas, é produzir um silenciamento de todo um processo histórico necessário.

Gostaríamos de destacar aqui as relações que constituem o que chamamos em *Análise do Discurso* de efeito-leitor. Orlandi (2005) fala do efeito-leitor como correspondente à função-autor em relação ao sujeito. O efeito-leitor seria um efeito da função-autor, uma relação necessária entre o autor e o leitor de um texto. No caso do artigo analisado, a autora está produzindo uma formulação a partir de uma certa discursividade com determinadas representações de ciência, da figura de Einstein e de como tudo isso deve ser apresentado aos alunos. Essa textualização produzirá possibilidades de sentido que constituirão uma posição de sujeito que, ao ler, transitará por essas possibilidades. Isso constitui o chamado efeito-leitor. Sendo assim, a função-autor cria um efeito-leitor que evidencia gestos de interpretação. Esse efeito-leitor se dá através da formulação e da circulação de sentidos.

É importante, ainda, falar dos chamados “boxes”, ou seja, aquela parte do artigo em que o divulgador destaca algumas noções científicas de maneira diferenciada do restante do texto. No caso da Nova Escola, os espaços que se abrem na diagramação do texto para se introduzirem gráficos, ilustrações e comentários são os considerados “boxes”. O Guia (2004, p. 12), já mencionado, diz:

Boxes para o mais complicado: precisa descrever algo mais complicado ou técnico? Ponha-o num box ou num texto à parte. Mas não se esqueça de simplificar os conceitos e passagens mais difíceis.

Mais uma vez a autora do artigo segue a regra. Quando ela fala de como Einstein desenvolveu algumas de suas teorias, ela utiliza uma parte totalmente diferenciada no texto e essa parte é intitulada “A relatividade restrita”. Nesse trecho, as cores mudam, existem gráficos indicando procedimentos e, agora, é como se existisse uma relação mais direta do leitor com a ciência. Observe um dos trechos dos chamados “boxes”:

O físico italiano Galileu Galilei (1564-1642) afirmou que, para o passageiro de um navio, sem visão do exterior, seria impossível distinguir se a embarcação estava parada ou navegando em águas calmas, já que ele se encontraria no mesmo estado (em repouso ou na mesma velocidade) do navio. Einstein pensava: se as leis da Física são as mesmas para objetos com velocidade constante ou parados, elas deveriam valer também para a luz. Mas não!

José Horta Nunes (2001, p. 39) diz que “os boxes produzem um desligamento da linearidade do texto e apresentam propriedades enunciativas específicas”. É como se nesses espaços houvesse uma representação mais “pura” do discurso científico acompanhado de uma apresentação didática. Ou seja, os boxes funcionam como uma forma de o divulgador trazer para o seu discurso uma determinada legitimidade e, ainda, como fala Nunes:

É como se uma voz anônima, que não a do divulgador, falasse diretamente, provocando nos leitores a satisfação do contato efetivo com a ciência, sem mediação alguma.

Resultados parciais desta pesquisa mostram que, como já mencionamos, a Revista Nova Escola constitui-se em um expressivo veículo de divulgação das concepções educacionais concebidas e instituídas pelo Estado. Vimos, ainda, brevemente, como um Guia, que também possui parceria estatal para a sua edição, funciona, juntamente com a Revista, apropriando-se do conhecimento científico de

determinada maneira e reproduzindo um imaginário sobre a figura genial do cientista, bem como apagando a história do processo de produção e disseminação do conhecimento científico. Com isso pudemos também apreender algumas representações de ciência que estão circulando tanto para professores quanto para alunos.

Referências bibliográficas

MASSARANI, L. et al. **Guia de divulgação científica**. – Rio de Janeiro: SciDev.Net: Brasília, DF: Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social, 2004.

NUNES, J. H. Discurso de divulgação: a descoberta entre a ciência e a não ciência. IN: GUIMARAES, Eduardo. (org). **Produção e circulação do conhecimento**: Estado, Mídia e Sociedade. Campinas, SP: Pontes, 200. p.31-40

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2005.

Roshni Mariana de Mateus é graduada em Letras pela Universidade Católica de Brasília, tendo sido bolsista de Iniciação Científica e integrado o Grupo de Pesquisa CNPq/UCB "Estudos Discursivos". (roshnimari@yahoo.com.br)

Resenhas

Ιντερπρετα| ©ο ε τραδυ| ©ο: δοισ λαδος δε υμα μεσμα μοεδα?

Virgílio Pereira de Almeida (UCB)

Em *Sua Majestade, O Intérprete - O fascinante mundo da tradução simultânea*, o tradutor e intérprete Ewandro Magalhães Júnior narra em uma prosa leve, repleta de casos pitorescos, protagonizados pelo próprio autor ou por outros profissionais, as mazelas e alegrias desta profissão. O autor não tem a pretensão que seu livro se torne um manual do intérprete, pois sabe, e deixa claro em sua obra, que a interpretação, assim como a tradução, é um ofício onde se aprende mais na prática profissional do que em livros teóricos. O ilustre professor e tradutor Paulo Rónai, uma das vozes mais atuantes e lúcidas na área de tradução em nosso país, dizia que traduzir se aprende traduzindo. Magalhães, de certo modo, repete o mote quanto à interpretação, tendo ele mesmo iniciado a lida de intérprete sem preparação teórica para a tarefa. O que ele pretende com seu livro, portanto, é mostrar o caminho das pedras aos interessados em se tornar intérpretes, mas sem fórmulas miraculosas ou regras a serem obedecidas. O autor usa sua experiência de cerca de 6000 horas de trabalho para alertar os iniciantes sobre aspectos importantes a se considerar no ofício.

Sua majestade... faz parte da coleção Parábola Breve, da Parábola Editorial. O texto se divide em dezesseis capítulos curtos que o autor entremeia com vários casos relacionados ao mister de intérprete.

Magalhães inicia a obra esclarecendo a diferença entre tradutor e intérprete, evidenciando a vaidade de alguns profissionais que não admitem o título de tradutores, pois julgam ser a interpretação arte mais nobre do que a tradução. Magalhães relata

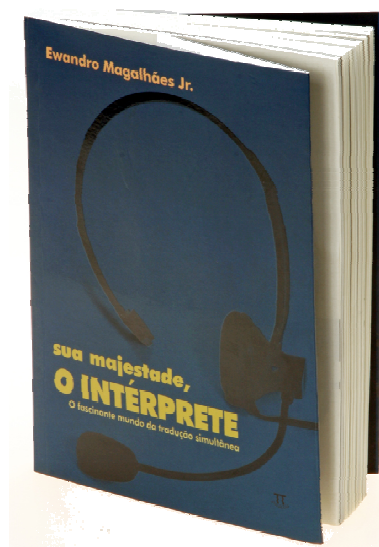


Foto: Andre Borges – Captura Núcleo de Fotografia

MAGALHAES JR., Ewandro. *Sua majestade, o intérprete – o fascinante mundo da tradução simultânea*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2007, 231p.

diversos casos ilustrativos da arrogância e vaidade de alguns profissionais da área, a quem compara a pavões, que muitas vezes se julgam protagonistas de eventos que estão interpretando. Para o autor, o trabalho do intérprete é mesmo essencial, mas é apenas a ponte entre os verdadeiros atores no processo comunicativo.

A vaidade e o auto-conceito dos profissionais da interpretação, inclusive, foram responsáveis pela criação de uma associação profissional elitista e preconceituosa, segundo o autor, que impõe normas rígidas para a inclusão de novos membros, que acabam tendo que se submeter a parâmetros nada éticos em troca de uma aceitação no mercado de trabalho. A atuação da Associação, como descreve o autor, é marcada por um corporativismo sórdido que protege o mercado para os já associados, desqualificando o trabalho de outros profissionais, se este for o interesse da categoria. O autor reconhece a relevância do trabalho da Associação para o estabelecimento da interpretação como um ramo profissional, mas indica que elitizaram desnecessariamente a prática de trabalho. Os critérios de admissão, embora rigorosos, são parciais, deixando aos membros o poder de indicar e vetar novos associados. A situação chegou a tal ponto que um grupo de profissionais, reunidos em Brasília em 2003, decidiu pela publicação do que ficou conhecido como Manifesto dos Intérpretes do Brasil, que serviu de base para a fundação de uma nova associação, em 2005. Neste Manifesto, publicado em anexo do livro, os profissionais traçam objetivos para uma associação mais ética e agregadora.

Magalhães prossegue seu trabalho conceituando tipos diferentes de interpretação: a simultânea, a consecutiva e a “chuchotagem”, que é a que se faz sem equipamento, quando o intérprete sussurra sua versão a um grupo reduzido de ouvintes. Em cada modo de interpretação, o autor enumera as dificuldades que o intérprete encontrará pelo caminho. Um dos grandes desafios que o profissional deve vencer, segundo o autor, é a insegurança ao se deparar com o novo, o desconhecido. O controle da ansiedade é um dos fatores citados como essencial para um bom trabalho. Segundo o autor, o intérprete tende a crer que a platéia está ali para julgar o seu trabalho, e não para assistir a uma palestra ou comunicação. Muitas vezes, o companheiro de cabine, o concabino, inibe o trabalho do intérprete novinho com pequenas nuances de movimentos ou olhares. A sintonia entre concabinos, aliás, é citada pelo autor como um fator primordial para um bom trabalho na interpretação.

Em um novo Capítulo, o autor desconstrói alguns mitos acerca da profissão, mostrando, por exemplo, que a interpretação não resulta de um talento inato, mas que a excelência é adquirida com muito esforço e dedicação. É óbvia a necessidade de pleno domínio de pelo menos dois idiomas, mas, assim como na tradução, na interpretação ser bilíngue pode ser um problema, e não um facilitador. Apesar do falante bilíngue ter a seu favor a maior espontaneidade da fala, pelo fato de não ter passado por uma experiência de aquisição de outro idioma por esforço consciente, falta-lhe a "percepção de dois mundos que se tocam sem se invadir", que, segundo o autor, facilita o desenvolvimento de táticas de comunicação que faltam ao bilíngue, já que sua transição pelos dois idiomas é natural e inconsciente. Por outro lado, o autor reconhece que muitas vezes o conhecimento adquirido em institutos de idiomas não é suficiente, pois o que se ensina nestas instituições não espelha a língua falada pela população em geral. De certa maneira, o aprendizado deve ser complementado com o contato com a língua real, aquela utilizada naturalmente pelos falantes nativos.

Outro mito desconstruído por Magalhães é o de que a interpretação simultânea é mais difícil do que a consecutiva. O autor mostra a maestria exigida em ambas as técnicas, pontuando o que cada uma tem de quimérico. Defende o autor que a interpretação simultânea não é apenas "arte e improviso". Muito do sucesso de um trabalho simultâneo depende de preparação criteriosa, com leituras acerca do assunto, pesquisas na Internet, visitas a painéis expostos durante o congresso ou seminário e, idealmente, uma rápida conversa com o palestrante.

Com relação a erros, dos quais nenhum profissional escapa, Magalhães demonstra algumas maneiras de se portar em tais situações. A questão ética é mais uma vez lembrada, pois quando o intérprete inclui um "perdão" ou um "quero dizer" em sua fala, o público pode pensar que se trata do palestrante se corrigindo, e alguns intérpretes mais experientes se aproveitam disso, não esclarecendo uma eventual dúvida dos ouvintes.

Antes de concluir sua obra, Magalhães discorre brevemente sobre a relevância simbólica, para a profissão de intérprete, dos julgamentos de Nuremberg após a II Guerra Mundial. Como tudo indicava que os julgamentos seriam longos, a interpretação consecutiva foi considerada inadequada. Léon Dostert, intérprete do general Eisenhower, levou a cabo um projeto de tradução simultânea, para quatro línguas, pela primeira vez na história. Com um novo equipamento desenvolvido pela IBM, o público

pode acompanhar, simultaneamente, a acusação, defesa e veredicto dos criminosos da guerra em alemão, inglês, francês e russo.

No anexo de seu livro, Magalhães inclui, além do Manifesto dos Intérpretes do Brasil, já mencionado, um micro glossário com definições de termos ligados à interpretação, e dicas para palestrantes, que são algumas informações de como o palestrante pode auxiliar o intérprete em seu trabalho, buscando o melhor resultado possível.

Sua majestade, O Intérprete é um livro de agradável leitura, sem pretensões a um academicismo profundo. Fruto principalmente da experiência de seu autor, o livro indubitavelmente apresenta informações relevantes e proveitosas para quem se interessa pela profissão de intérprete. Ademais, a fluidez do texto e a graça das anedotas garantem uma leitura agradável e prazerosa.

Virgílio Pereira de Almeida é professor da Universidade Católica de Brasília, mestre em Educação pelo Framingham State College e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. (virgilio@ucb.br)

Α Λινγυαγεμ εμ θυεστ©ο: χαμινηοσ ε χονϖεργ| νχιασ

Jailton Lopes Vicente (SE-DF)

Este livro é uma publicação dos trabalhos apresentados no XVII Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná (Cellip), realizado em outubro de 2005 na Universidade Estadual do Centro-Oeste, na cidade de Guarapuava – PR. Os encontros do Cellip ocorrem desde 1986 e somente os Anais vinham sendo publicados. A obra de Sheila Elias de Oliveira e Josalba Fabiana dos Santos é, portanto, um produto inédito deste tradicional Encontro, que envolve pesquisadores da área de Lingüística, Letras e Artes.

“Mosaico de Linguagens” é composto por 13 textos. A temática é, por sua vez, dividida em três grupos, de acordo com as mesas-redondas apresentadas no seminário. São elas: *Linguagem*,

Discurso, Ensino; Desafios da formação reflexiva de professores de Língua Estrangeira; Literatura e História. Tratarei individualmente os textos dos seguintes autores: Eduardo Guimarães, Ana Zandwais, Luiz Francisco Dias e Sheila Elias de Oliveira. Os outros trabalhos serão abordados em função do tema da mesa-redonda, ou seja, em grupo.

O primeiro texto, **Espaço de enunciação e políticas de línguas**, de Eduardo Guimarães, apresenta uma análise focada no modo como línguas são afetadas pela história. A divisão das línguas não é, assim, de modo algum aleatória. Entender essa distribuição é analisar os processos históricos de constituição de uma sociedade. Pensando dessa forma, é preciso considerar o processo de colonização do Brasil e os

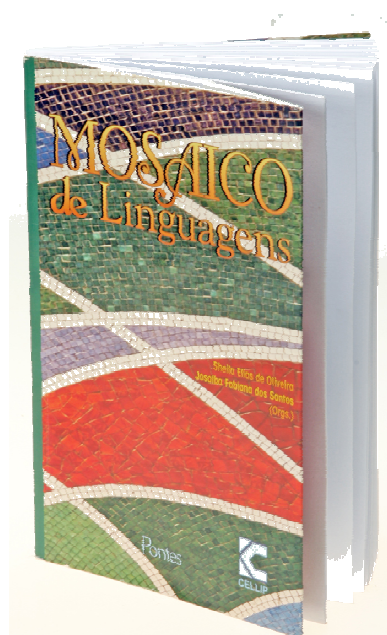


Foto: Andre Borges – Captura Núcleo de Fotografia

OLIVEIRA, Sheila Elias de e SANTOS, Josalba Fabiana dos (Orgs.). *Mosaico de Linguagens*. Guarapuava, PR: Cellip – Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

contatos estabelecidos com outras nações que aqui estiveram. Assim, temos no Brasil o funcionamento do português em relação com as línguas indígenas, as africanas e as dos imigrantes.

O autor aborda, ainda, a diversidade do português do Brasil, discutindo, sobretudo, questões relativas à divisão entre certo e errado. Nesse sentido, ele ressalta que “(...) a distribuição política das línguas para seus falantes, que é histórica, é tomada como natural e instala-se a norma como algo da ‘natureza’” (p. 21). Dessa perspectiva, os diversos falares são aceitos ou não por valores essencialmente políticos. O efeito ideológico imediato dessa situação é o funcionamento lingüístico ser encarado como algo fora da história e, portanto, natural, dado de antemão independente de tudo.

Nas duas últimas seções do texto, o autor mostra que existe a necessidade de se pensar os espaços de línguas como espaços em que uma língua não necessariamente exclua a outra. Segundo Guimarães, é preciso garantir o “direito de não falar a mesma língua de todos” (p. 24) sem, entretanto, esquecer o fato de que “todos” já é coisa do imaginário, efeito da ideologia.

O segundo texto, de Ana Zandwais, apresentado na mesa redonda *Linguagem, Discurso, Ensino*, tem como título **Diretrizes curriculares sobre o Ensino Médio: a interdiscursividade entre dois planos nacionais de educação** e analisa a articulação de aspectos discursivos dos Planos Nacionais de Educação dos governos Vargas (Segunda República) e Fernando Henrique Cardoso (FHC).

A autora trilha um percurso interessante ao mostrar que apesar de o PNE dos governos Vargas e FHC, embora distantes cronologicamente falando, estão próximos no aspecto discursivo, cada um com suas particularidades, mas com diversos pontos de contato. Ana Zandwais procura ressaltar em sua análise o fato de que a distância no tempo é pulverizada pelo alinhamento discursivo presente nas ações voltadas para a educação em ambos os governos analisados em seu textos.

Inicialmente, Ana Zandwais trata da necessidade que tinha o governo Vargas de tentar criar uma unidade no tocante aos aspectos educacionais. Era uma época em que o nacionalismo estava em alta e, portanto, era necessário que o país se visse como um bloco único, homogêneo. Nesse sentido, a língua se mostra como o lugar próprio para que um país se identifique como sendo uma nação. A pesquisadora mostra, com relação

a este aspecto, que o projeto educacional do governo Vargas extrapolava os limites do pedagógico, tornando-se essencialmente um projeto político.

Vale destacar a abordagem da autora no tocante às glosas, colocadas de forma anexa ao programa, “para que fiquem explícitos os fins que determinam o perfil que a disciplina deve assumir, de modo uniforme” (p. 32). Tais comentários não são, de forma alguma, estruturas alheias ao funcionamento discursivo do texto, ao contrário, atuam como peça fundamental nesse processo, sobretudo porque cria uma materialidade discursiva específica. Aquilo que escapa ao texto, que não pode ser dito, acaba virando comentário paralelo, nota de rodapé ou anexo. Fica à margem, mas não deslocado do funcionamento discursivo, conferindo sentidos outros ao texto, criando um arranjo discursivo totalmente novo. Estas marcas permitem inferir que a língua é o elemento aglutinador da sociedade.

Após a análise das questões relacionadas ao governo Vargas, a autora analisa os PCN, enfocando os pontos de contato dos discursos produzidos em 1998 (na era FHC) e em 1939 (na era Vargas).

Seguindo a análise proposta no texto, o discurso dos PCN segue a mesma direção das diretrizes educacionais do governo Vargas. Os objetivos de ambos os governos são semelhantes, entretanto, assumem facetas próprias, como a questão do patriotismo, que assume diferentes formas, roupagens outras num governo e no outro, mas que de alguma forma convergem para o mesmo ponto. Tanto no governo Vargas quanto no de FHC está presente a idéia de que basta apropriar-se de um conhecimento concebido algures para que todas as questões sejam resolvidas.

Em Vargas, tem-se a noção de que “saber escrever torna-se, portanto, uma questão de “apropriar-se” de sentidos de leituras pré-determinadas” (p. 34). Ou seja, basta aprender a organizar o texto. O foco, segundo nos mostra o texto de Zandwais, está no fato de que o pensar sobre a prática da linguagem não era o principal, mas fazer com que os alunos aprendam somente a organizar os textos, reproduzir as estruturas apresentadas pela professora (o que é compreensível quando falamos de uma ditadura).

Já em FHC, a autora nos mostra “a ilusão de que a autonomia no processo de ensino-aprendizagem de língua materna pode ser conquistada através de “formas metodologicamente adequadas” de apropriação e textualização da linguagem (...)” (p. 38-39). Cria-se, dessa forma, uma noção bastante fracionada do processo de

ensino/aprendizagem, que passa, dessa perspectiva, a ser compreendido pelo viés do fracasso individual e não da ótica de uma política pública de educação.

A mesma configuração discursiva presente em 1939 (Vargas) e 1998 (FHC), percebida por meio da análise discursiva proposta por Ana Zandwais, deve-se ao fato de que o texto não fala somente de governos, no sentido empírico, mas trata do Estado. Em outras palavras, fala de posições (vale dizer, discursivas) construídas historicamente.

O próximo texto em questão, intitulado **Novas perspectivas no ensino de gramática na escola: o estatuto do exemplo em questão**, é de Luiz Francisco Dias e trata do estatuto do exemplo em gramáticas e em livros didáticos.

Na primeira parte do texto, o autor procura situar o leitor com relação às funções e características do exemplo, procurando destacar aspectos relativos às gramáticas e aos livros didáticos.

De um lado, Luiz Francisco Dias nos mostra que os exemplos nem sempre abarcam todos os aspectos relacionados ao conceito a que se referem. Ou seja, “são efetivos, mas não se integram ao conceito” (p. 47). De outro, o autor nos mostra o funcionamento dos exemplos do livro didático, “que são apresentados em função do conceito, mas estão longe de se constituírem em peças efetivas do uso lingüístico” (p. 47). É o que o texto chama de exemplo-ilha.

Na segunda parte, o autor apresenta uma nova possibilidade de abordagem do exemplo na gramática, o exemplo-colméia. O percurso analítico proposto por Luiz Francisco Dias baseia sua argumentação na análise do lugar do objeto direto nos provérbios. Ele mostra que “exemplos elaborados para um fim específico de demonstração ganham ancoragem em exemplos efetivamente realizados” (p. 52).

O quarto texto é de Sheila Elias de Oliveira, cujo título é **O texto no acontecimento**. Neste trabalho, a autora procura situar sua linha argumentativa na noção de texto, baseando-se na Semântica do Acontecimento e na análise do verbete “cidadão” no primeiro dicionário monolíngüe do português.

A autora propõe que o texto seja pensado não como “uma progressão contínua de “idéias” que se somam, formando um todo coeso e coerente” (p. 59), mas deve ser visto “a partir do movimento dos sentidos” (p. 59). O efeito de unidade é o resultado imediato desse processo. Assim, o texto pensado do ponto de vista do ensino não pode,

segundo a autora, deixar de considerar seus movimentos discursivos. O que permite ser dito isto **e** aquilo e não somente isto **ou** aquilo.

A análise do verbete “cidadão” vai ao encontro dessa definição, pois mostra que a leitura do dicionário não deve buscar um sentido pronto, deve considerar que a constituição desse instrumento lingüístico funciona discursivamente, ou seja, o dicionário é, então, compreendido como um texto e, portanto, sujeito às determinações históricas e ideológicas.

Conclui Sheila Elias afirmando: “a análise nos mostra que há mais na leitura do dicionário do que a consulta normativa” (p. 64), o que não ocorre ao se considerar o dicionário fora da história. Os instrumentos lingüísticos estão inseridos nos movimentos da história, conferindo-lhes, assim, diversas configurações de significados.

Os próximos textos são referentes à mesa-redonda *Desafios da formação reflexiva de professores de Língua Estrangeira* e procuram mostrar o atual estágio das pesquisas nesta área e os principais problemas relativos à formação dos docentes de Línguas Estrangeiras.

O último grupo trata de “Literatura e História” e procura relacionar textos literários com aspectos associados à constituição das identidades culturais de um povo. Há, ainda, textos que tratam da questão da voz do narrador em Machado de Assis (no trabalho de Sílvia Maria Azevedo) e da recontextualização da violência, no texto de Sigrid Renaux, intitulado **Recontextualizações da violência em narrativas ficcionais e fílmicas**.

O livro “Mosaico de Linguagens”, organizado por Sheila Elias de Oliveira e Josalba Fabiana dos Santos, é importante na medida em que mostra, desde seu título, as diferentes possibilidades de abordagem das diversas questões de linguagem. O livro evidencia que é possível transitar por diversos percursos teóricos sem, contudo, fazer disso, uma costura sem um fio condutor.

Jailton Lopes Vicente é professor concursado da rede pública de ensino do Distrito Federal; Coordenador Pedagógico do Centro de Ensino Fundamental 2006, na Cidade Satélite do Recanto das Emas; egresso do Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, onde foi bolsista de Iniciação Científica. (jailtonlv@gmail.com)

Resumos

Memórias Póstumas de Brás Cubas – obra realista?¹

Ana Paula Oliveira Xavier

Este estudo pretende fazer uma reflexão sobre as rupturas do autor Machado de Assis (1839 a 1908) em relação à historiografia da literatura brasileira, procurando discutir tais questões e considerando a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que marca, supostamente, o fim do movimento Romântico e o início do movimento Realista. Brás Cubas, autor e também personagem principal da obra, conta, depois de morto, sua vida. Ao narrar, parece estar vivo, deixando cair a máscara que foi constituída por ele ao longo de sua caminhada. A metodologia adotada na pesquisa foi a análise de livros do Ensino Médio, cujo enquadramento no Realismo não apresenta satisfatoriamente o autor Machado de Assis pela falta de profundidade, pois não leva em consideração que o modo de escrever de Machado de Assis é inovador, superando José de Alencar, que então era considerado o principal autor brasileiro. Machado de Assis foi um autor de ruptura com o movimento que o antecedeu e até mesmo com aquele em que foi enquadrado, o Realismo, por suas inovações, tanto no âmbito da forma como na do conteúdo, superando, assim, a cronologia dos movimentos literários. Há nele elementos de modernidade que a Literatura Brasileira vem apontando recentemente e que não são abordados pelos manuais didáticos. É diante disso que esse trabalho se propõe a investigar os fatores de ruptura e as inovações propostas pelo autor mais importante da Literatura Brasileira.

Palavras-chave: Rupturas, movimento romântico, movimento realista, Machado de Assis, cânone, manual didático.

O bilingüismo na educação dos surdos: considerações relevantes para a aquisição da leitura e da escrita²

Cássia Batista Sousa Penha

Este trabalho trata do processo de aquisição da leitura e da escrita pela criança surda e da importância da Língua de Sinais nesse processo. Aspectos relevantes são enfocados, tais como a comunicação em sinais, a metodologia adequada para a alfabetização do surdo – o Bilingüismo- e as que

¹ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 26 de junho de 2006, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Agra Guimarães.

² Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 28 de junho de 2006, sob a orientação da Profa. MSc Dalva Del Vigna.

não são adequadas, - Oralismo e a Comunicação Total - porém usadas em muitas escolas. Tendo-se comprovado que os surdos possuem o processo comunicativo totalmente visual, não dominando a língua falada, defende-se então, uma abordagem educacional bilíngüe, por acreditar que esse é o melhor caminho e que trará ao surdo muitas vantagens. Primeiro porque a sua língua natural - a de sinais - está sendo evidenciada, dando-lhe uma referência do mundo e possibilitando o acesso a sua comunidade surda. Segundo, é a língua de sinais que possibilitará ao aluno surdo o aprendizado do português escrito, que para ele será uma segunda língua. Apresentam-se, ainda, os recursos que facilitam na educação dos surdos, análise de textos escritos por eles e aborda, também, de uma maneira rápida a escrita em sinais, que é chamada de “*sign writing*”.

Palavras-chave: Educação de surdos, bilingüismo, LIBRAS, aprendizado de leitura e de escrita.

Gramática e autoria lingüística³

Elizangela Silva da Paz

Este trabalho tem como objetivo analisar como se dá a constituição do sujeito autor de gramática. Tomamos como método a análise de discurso e como instrumento de pesquisa fragmentos de diversos prefácios de gramáticas ditas tradicionais. Nessa pesquisa, buscamos entender como a memória, a história e a ideologia fazem sentido no discurso do gramático.

Palavras-chave: Gramática, autoria, ideologia.

A questão feminina em *Lucíola*, de José de Alencar⁴

Emanuelle Gomes da Silva André

A mulher, ao longo da história, sempre teve seu papel reduzido à vida privada. As que, por algum motivo, ousassem transgredir esta ordem, eram duramente punidas. Esta punição está presente no romance *Lucíola*, de José de Alencar. Lúcia, a heroína cortesã, ambígua em caráter e atitudes, representa o poder do dinheiro na sociedade burguesa e o peso de ser mulher e prostituta numa sociedade patriarcal

³ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 26 de junho de 2006, sob a orientação da Profa. MSc Dalva Del Vigna.

⁴ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 28 de junho de 2006, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Agra Guimarães.

hipócrita e repressora. O objetivo do presente trabalho é analisar as ambigüidades e tensões vividas pela personagem Lúcia.

Palavras-chave: Sociedade, mulher, prostituta.

Um estudo preliminar sobre as construções com verbos leves no português do Brasil ⁵

Evelaine Batista Silva

Esta pesquisa trata das construções com verbos leves, que são verbos semanticamente esvaziados e que não selecionam semanticamente seus argumentos e, conseqüentemente, não são capazes de atribuir-lhes papel temático. Tais verbos perdem seu sentido pleno e passam a constituir seu sentido no todo da sentença. Utilizando-se de dados do português do Brasil, são mostradas ainda algumas diferenças entre os verbos leves e as expressões idiomáticas, pois ambos constituem sentenças com predicados complexos, mesmo sendo as sentenças com verbos leves consideradas mais produtivas que as sentenças que constituem as expressões idiomáticas.

Palavras-chave: Papéis temáticos, verbos leves, expressões idiomáticas.

Os gêneros virtuais emergentes: uma nova perspectiva de gêneros textuais ⁶

Irioneide Alves Freire

Este trabalho surgiu do questionamento a respeito dos gêneros virtuais emergentes, criados com o advento da Internet, e da tentativa de assemelhá-los aos gêneros textuais preexistentes. A partir deste questionamento inicial, realizou-se pesquisa bibliográfica, coleta e análise de dados, por meio da investigação de alguns gêneros textuais. Neste processo investigativo foram analisadas a relação e a semelhança entre os gêneros textuais já existentes e os virtuais emergentes, o desenvolvimento de noções para compreender este novo contexto de comunicação, fortemente influenciado pela tecnologia digital em ambiente virtual. Desta forma, foram escolhidos para serem analisados com maior minúcia os gêneros emergentes *e-mail* (correio eletrônico) e *chat* (bate-papo virtual), relacionando-os com os gêneros

⁵ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 26 de junho de 2006, sob a orientação da Profa. MSc Dalva Del Vigna.

⁶ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 28 de junho de 2006, sob a orientação da Profa. MSc Dalva Del Vigna.

carta/bilhete e ‘bate-papo/conversa’. Vale ressaltar que tais análises foram norteadas, em grande parte, pelo texto “Gênero do discurso”, contido no livro “*Estética da Criação Verbal*” de Mikhail Bakhtin (1997). Por fim, salienta-se a possível similaridade entre os gêneros textuais e os virtuais emergentes analisados e sua presença no ambiente educacional.

Palavras-chave: Gêneros textuais, gêneros virtuais, tecnologia da informação, comunicação.

Atos de fala e a rede enunciativa do crime passionai⁷

Mônica Andreza Bernard Dias

Este trabalho tem por objetivo tentar demonstrar como os atos de fala podem contribuir para o entendimento da rede enunciativa que subjaz aos crimes passionais. Tentaremos desvendar o papel dos atos de fala na formação enunciativa dos crimes passionais. A pesquisa será apoiada, tendo como referencial a teoria dos atos de fala. Em teóricos como Austin, Searle, Benveniste, Paulo Ottoni e ainda em juristas como Luiza Nagib Eluf e Enrico Ferri. Serão analisados um crime do livro “A paixão nos bancos dos réus”, uma defesa feita por Enrico Ferri que se encontra no livro “Discursos Forenses” e a música Cabocla Tereza, e o livro “Otelo” de William Shakespeare.

Palavras-chave: Atos de fala, crimes passionais, discurso forense, música, literatura.

Monteiro Lobato: desconstrutor da moralidade na literatura infantil⁸

Régia Pereira de Abreu

O presente trabalho de início traça o desenvolvimento da Literatura Infanto-juvenil, apontando escritores que se interessam pelo gênero. Em seguida, destaca a figura ímpar de Monteiro Lobato, inovador da literatura infantil brasileira. Ao abordar algumas características de Lobato, o presente trabalho analisa como o autor desconstrói a moralidade, rompendo com o discurso pedagógico, sem resquícios de racionalismos adultos e explicações que expressem um sentido último. Monteiro Lobato, em suas obras infantis, abre as cortinas para as crianças com o uso da imaginação para aguçar a percepção crítica do leitor mirim. O imaginário libertador no lugar do realismo castrador. O trabalho focaliza ainda o

⁷ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 28 de junho de 2006, sob a orientação da Profa. MSc Dalva Del Vigna.

⁸ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 21 de junho de 2006, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Agra Guimarães.

mundo da superfície, o mundo da realidade na sua organização ficcional, para oferecer reflexão e questionamentos aos seus pequenos leitores. Em Lobato, a literatura não é usada como meio de aprisionamento. Nota-se claramente que Lobato é um autor absolutamente original, com uma linguagem própria, cada frase tem uma mensagem subjacente. Fiel às fontes brasileiras, sua literatura contribui de forma duradoura para a construção da literatura nacional.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, leitor, literatura, imaginário infantil.

Discurso e loucura⁹

Vanessa de Cassia Magalhães

Este trabalho tem a intenção de fazer um estudo sobre a função da linguagem na sociedade, evidenciada aqui como *discurso*. E, de acordo com sua função, faço uma análise do poder que lhe é inerente. O tema em questão é o discurso dotado de poder e o assujeitamento daqueles que são falados por ele. Busco estabelecer, nesse trabalho, a relação entre loucura e poder. Para isso, me apoio na literatura, especificamente, na obra *O Alienista*, de Machado de Assis.

Palavras-chave: Loucura e poder, literatura e sociedade, Machado de Assis.

O perfil feminino de Luísa, na obra de Eça de Queirós, O Primo Basílio¹⁰

Vania Vanessa dos Santos Melo

Este presente trabalho se propõe a analisar como a figura feminina aparece representada na obra *O primo Basílio*, de Eça de Queiros, bem como a influência das leituras de romances nas personagens femininas. Em um primeiro momento, irei abordar o estudo da mulher no século XIX, procurando compreendê-la dentro de um contexto social, abordando alguns conceitos de valores e de moral vigentes na época. Após essa análise, irei aprofundar o estudo da personagem Luísa, explicitando seu comportamento, sua vida de mulher casada, o adultério e sua doença, que a leva a morte.

Palavras-chave: Romantismo, leitura, amor, ilusão, mulher.

⁹ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 21 de junho de 2006, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Agra Guimarães.

¹⁰ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 21 de junho de 2006, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Agra Guimarães.

Adonias Filho: dramatização de vida e morte: uma abordagem das obras: Os Servos da Morte, Memórias de Lázaro e Corpo Vivo¹¹

Aline dos Santos de Souza

O objetivo do presente trabalho é fazer uma interpretação de três obras do escritor Adonias Filho. Elas formam uma trilogia romanesca denominada “O perséquito dos mortos”. Os romances em questão são assim intitulados: *Os Servos da Morte*, *Memórias de Lázaro* e *Corpo Vivo*. O elemento estrutural adotado na leitura dessas obras foram as diversas teorias voltadas à tragédia grega. A argumentação desenvolvida fundamenta-se na filosofia nietzscheana, nas teorias de Albin Lesky e Kitto. Recorreu-se, também, às idéias de Aristóteles, assim como às de outros filósofos e teóricos. Com a intenção de estabelecer relações entre o conteúdo trágico associado às obras de um período contemporâneo, faz-se necessário esclarecer que o escritor Adonias Filho agrega, à sua escrita, elementos importantes da tragédia à tessitura narrativa, tornando-a transgressora e geradora de um estilo peculiar. Ao inserir o mecanismo estrutural da tragédia grega na trama imagética da sua trilogia, Adonias Filho não o faz apenas na apropriação do princípio arquitetônico dos grandes escritores gregos, sua narrativa também se explica na assimilação do enredo trágico. Há uma interferência clara do escritor baiano, quando este utiliza, na atualidade, elementos tecidos desde o período clássico. No entanto, estes elementos não aparecem intocados, mas modificados e atualizados no discurso dos romances adonianos. Seus personagens se inscrevem em um mundo emoldurado pelo sortilégio da morte. Estabelece-se nas obras um mito em que a natureza não conhece o homem, e em que o homem não reconhece a si próprio. A desumanização dos personagens concatenados à devastação da natureza emblematizam o ciclo persequitório da trilogia de Adonias Filho.

Palavras-chave: Drama da finitude, desumanização, tragédia grega, vida e morte.

O processo de ensino da leitura dos textos de apoio do livro didático¹²

Allene Martins Rezende

Este trabalho tem por objetivo expor uma série de contradições praticadas em salas de aulas na escola pública em relação ao ensino da leitura. Proponho uma reflexão sobre a leitura e a sua interpretação – questiono outra forma de despertar no aluno o interesse pela leitura, como ajudar o aluno a tornar-se um leitor intenso, crítico e produtivo daquilo que lê. Abordo, neste trabalho, a leitura como uma

¹¹ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 27 de novembro de 2006, sob a orientação da Profª. Drª. Ana Maria Agra Guimarães.

¹² Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 28 de novembro de 2006, sob a orientação da Profª. MSc Dalva Del Vigna.

atividade de construção de sentidos que advém da relação entre professor, leitor ou aluno e texto. Primeiramente, apresenta-se a idéia dos teóricos que em grande parte concordam que a leitura varia de acordo com o leitor e seus objetivos, concebendo-a como uma atividade afetivo-cognitiva e como exercício da prática social. Na pesquisa, foram utilizados conceitos da etnografia, evidenciando como se constituem os processos do ensino da leitura em sala de aula. Abordará ainda a importância do ensino da leitura na formação do educando, tendo como ponto principal o objeto de conhecimento em si mesmo e o texto como instrumento necessário para realização de novas aprendizagens e aquisição da leitura o que proporcionará a ampliação de horizontes dos leitores que se constituirão nas séries iniciais do ensino fundamental. Também aborda as relações de ensino da leitura entre professor e aluno, aprendizagem e a compreensão e estratégias, etc.

Palavras-chave: Ensino, leitura, texto, construção de sentido, aprendizagem.

Aspectos da interação entre forma e sentido na linguagem da propaganda¹³

Ana Maria Baião

O presente trabalho tem como objeto de análise os textos publicitários. O nosso objetivo é demonstrar, por meio da linguagem utilizada nas propagandas, a relação entre a forma das expressões lingüísticas e o seu significado. Partimos, portanto, da hipótese da existência de uma influência recíproca entre a forma dos enunciados produzidos pelo emissor e os sentidos que devem ser captados pelo receptor. No intuito de alcançar esse objetivo, apoiamos as nossas pesquisas nos trabalhos teóricos de Perini (1998), Jakobson (1974), e outros autores que publicaram livros especificamente sobre a linguagem das propagandas, tais como Sandmann (2003) e Nelly (2000). O *corpus* que deu origem a este trabalho se constituiu a partir de imagens (fotos) de propagandas veiculadas em *outdoors*, adesivos automobilísticos, placas de contenção de pedestres e penas de suporte, selecionadas de modo a exemplificar os fenômenos teóricos apresentados.

Palavras-chave: Linguagem da propaganda, forma e sentido, autor e leitor.

¹³ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 22 de novembro de 2006, sob a orientação da Prof^a Dr^a . Mariza Vieira da Silva

Ludicidade e experiência existencial em Dom Quixote de la Mancha, de Cervantes¹⁴

Andreia Alves de Oliveira

A obra de arte literária, desde o seu surgimento, influencia o horizonte de quem a aprecia. Esta transformação na vida do homem está presente no romance, “*Dom Quixote de la Mancha*”. Dom Quixote representa o lúdico da arte e da verdade no jogo permanente da realidade e ficção e demonstra a existência sempre em transformação. O objetivo do presente trabalho é analisar a ludicidade e a experiência existencial em “*Dom Quixote*”.

Palavras-chave: Jogo, existência, ficção, realidade.

Construções existenciais no português do Brasil: uma comparação entre a abordagem tradicional e a gerativista¹⁵

Andréia Seixas Cardoso

Este trabalho se propõe a analisar as construções existenciais do português do Brasil, bem como a sua estrutura sintática e o fenômeno da variação de concordância verbal, a que essas construções estão sujeitas. O referencial teórico que irá nos nortear nesta pesquisa é o da Gramática Gerativa. Embasados nessa teoria, estabeleceremos uma comparação entre a análise proposta pela tradição gramatical para as construções existenciais (que se constituem como uma das possibilidades da chamada oração sem sujeito) e a análise proposta por lingüistas gerativistas para esse mesmo tipo de construção. Essa comparação levará em conta, muitas vezes, a relação entre os elementos que compõem a estrutura sintática dessas construções e a sua interpretação semântica como existenciais. No último capítulo, serão abordados aspectos relativos ao fenômeno da concordância verbal, também fazendo uma contraposição entre o que diz a Gramática Tradicional e o que propõe a Gramática Gerativa, em relação à variação da concordância nesse tipo de construção.

Palavras-chave: Construções existenciais, concordância verbal, gramática tradicional, gramática gerativa.

¹⁴ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 28 de novembro de 2006, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Ana Maria Agra Guimarães.

¹⁵ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 4 de dezembro de 2006, sob a orientação da Prof^a Dr^a Mariza Viera da Silva

A ironia em uma perspectiva machadiana¹⁶

Augusto Andriery Silva

Este trabalho sob o título de “*A ironia em uma perspectiva machadiana*” visa aprofundar a raiz da ironia em uma fundamentação teórica e filosófica aplicada diretamente à obra de Machado de Assis especificamente em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Em um primeiro instante, o trabalho procura buscar o conceito de ironia de forma aprofundada, o surgimento da ironia, a ironia na literatura, a opinião de críticos literários brasileiros. Em seguida, usa-se todo o resultado da pesquisa inicial acerca da ironia e aplica-se à *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, destacando trechos que servirão de exemplo na fundamentação teórica.

Palavras-chave: Ironia, Machado de Assis, Memórias Póstumas.

Desvios de escrita: marcas de oralidade¹⁷

Beatriz Torres Ferreira

Este trabalho tem o objetivo de, por meio da lingüística, contribuir para uma melhor compreensão e entendimento das dificuldades relativas à escrita, mostrando a variação que cerca o universo da língua, abordando como e porquê ocorrem essas dificuldades, e oferecendo aos professores uma amostragem que lhes possa ser útil na análise dos desvios de escrita contidos no texto de seus próprios alunos. Conhecer as variações da língua é importante, mas é necessário analisar e aprender a sistematizar variantes lingüísticas, usadas por uma mesma comunidade de fala.

Palavras-chave: Fonema, linguagem, desvios de escrita, grafia.

¹⁶ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 27 de novembro de 2006, sob a orientação da Profª Drª Ana Maria Agra

¹⁷ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 27 de novembro de 2006, sob a orientação da Profª. MSc Dalva Del Vigna.

Reflexões sobre o ensino de leitura em língua inglesa ¹⁸

Betseba Araújo

O objetivo deste estudo é investigar a concepção de ensino de leitura de professores de inglês como língua estrangeira. O estudo focalizou especialmente quatro professores de duas escolas públicas. A metodologia empregou princípios associados aos estudos etnográficos. Os dados foram coletados por meio de observações e entrevistas. Os resultados sugerem que os professores usam a leitura como uma desculpa para ensinar itens gramaticais.

Palavras-chave: Ensino de leitura, inglês como língua estrangeira, ensino de inglês.

O erotismo e a escrita feminina em *Um beijo de colombina*, de Adriana Lisboa ¹⁹

Clarice de Andrade da Hora

Este trabalho se propõe a analisar a obra *Um beijo de Colombina*, de Adriana Lisboa, buscando compreender suas características pós-modernas, seu tipo de escrita e o erotismo existente na obra. Em um primeiro momento, abordarei a questão da pós-modernidade dentro da narrativa, apontando assim suas características e, em seguida, analisarei a escrita que, em *Um beijo de Colombina*, é tipicamente feminina. Após a análise dos traços pós-modernos e do tipo de escrita na obra, aprofundarei o estudo do erotismo existente entre Teresa, João e Marisa, explicitando as relações sentimentais entre os três personagens, bem como a triangulação amorosa entre eles.

Palavras-chave: Pós-modernidade, erotismo, escrita feminina.

¹⁸ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 1º de dezembro de 2006, sob a orientação da Profª. MSc. Aline Ribeiro Pessôa.

¹⁹ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 28 de novembro de 2006, sob a orientação da Profª. Drª. Ana Maria Agra Guimarães.

A crítica social em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto²⁰

Cristiano Batista Ferreira

Este trabalho procura discutir, a partir da leitura do romance de Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, traços que mostram a maneira como o autor se utiliza da linguagem literária para tecer uma crítica à realidade política e social do Brasil da Primeira República, apresentando a linguagem irônica como sua forma principal de criticar a realidade social. Pretende-se refletir, ainda, como a literatura pode ser um instrumento eficaz para produzir efeitos de crítica social, para a formação da consciência do povo, denunciando as injustiças de uma determinada camada social cujos integrantes dizem ser ardentes defensores do país e autores de boas ideologias, mas na prática não passam de pessoas que buscam apenas os interesses próprios. A metodologia de trabalho utilizada foi a análise crítica de ensaios e livros relacionados aos temas, buscando discutir a forma como essas críticas são tecidas no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Palavras-chave: Linguagem literária, representações humanas, críticas sociais, Lima Barreto.

Variedades Lingüísticas e preconceito nos livros didáticos de língua portuguesa ²¹

Débora de Almeida Arruda

Nesta pesquisa, analisaremos como são abordadas as variedades lingüísticas nos livros didáticos de língua portuguesa, especificamente num capítulo do livro *Português: Linguagens* (7ª série), de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2002). Após a leitura dos textos que compuseram a nossa fundamentação teórica, concluímos que a língua não se apresenta de maneira uniforme e única, mas sim como um universo heterogêneo e dinâmico constituído de diversas variedades lingüísticas que, infelizmente, são objeto de preconceito no ensino de língua portuguesa, fato que tentamos demonstrar por meio da análise de um dos capítulos do livro didático mencionado acima.

Palavras-chave: Variedades lingüísticas, preconceito, ensino, livro didático.

²⁰ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 28 de novembro de 2006, sob a orientação da Profª. Drª. Ana Maria Agra Guimarães.

²¹ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 6 de dezembro de 2006, sob a orientação da Profª. Drª. Mariza Vieira da Silva.

A variação no modo subjuntivo no português do Brasil²²

Elaine Andrade Leite

Este trabalho trata dos modos indicativo e subjuntivo no Português, partindo do pressuposto de que o indicativo representa a atitude de certeza do falante frente àquilo que se fala e que o modo subjuntivo exprime a incerteza diante do que se fala. Tais modos podem apresentar variação ou alternância de uso sem perder seu valor semântico dentro das orações. Empregando dados do Português do Brasil, é mostrado quando e como tais variações ocorrem e que o valor semântico é mantido.

Palavras-chave: Modos verbais, variação, subjuntivo e indicativo, incerteza e certeza.

Atividades escolares como eventos de letramento²³

Eliná de Araújo Belizário

Este trabalho tem por finalidade mostrar, por meio de teorias lingüísticas e pela pesquisa etnográfica, os eventos de letramentos que são realizados durante as atividades escolares recorrentes em sala de aula e, conseqüentemente, evidenciando quais as contribuições que esses eventos trazem às aulas de língua portuguesa. No decorrer da leitura, serão apresentados conceitos e concepções quanto ao tema Letramento, mostrando sua articulação intrínseca com a escrita e a alfabetização, pondo em evidência uma prática discursiva na qual surgirão esses eventos através das agências de letramento, isto é, no nosso caso, a agência é a escola, um contexto escolar, onde esses eventos aparecem nas aulas de língua portuguesa. Por meio da pesquisa, foi constatado que esses eventos surgem a partir do grau de letramento que os alunos têm. Graus que dependem do convívio familiar e social do indivíduo que tem contato com a escrita. Estatisticamente, 67% dos alunos melhoraram significativamente na produção de textos, na expressividade quanto à oralidade, e na leitura de forma mais crítica e contundente.

Palavras-chave: Letramento, escrita, oralidade, leitura, contexto escolar.

²² Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 28 de novembro de 2006, sob a orientação da Prof^a. MSc. Dalva Del Vigna.

²³ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 1º de dezembro de 2006, sob a orientação da Prof^a. MSc. Dalva Del Vigna.

Metáfora: da teoria à pedagogização ²⁴

Fernanda Ferreira Rego

Este trabalho tem a finalidade de focar as metáforas em suas diferentes manifestações, sobretudo, no português do Brasil, partindo do pressuposto de que elas fazem parte do cotidiano. Serão explanadas aqui os seus estudos desde a Antiguidade até às salas de aula do Ensino Médio.

Palavras-chave: Comparação, metáfora, ensino, manuais didáticos.

A produção de texto na escola: o papel do educador²⁵

Lenice Souza Vieira Linhares

Este trabalho é fruto das motivações e inquietações pessoais acerca de aspectos que envolvem a utilização de métodos pedagógicos e do papel do educador no ensino, no processo de produção de texto. Nele procura-se ressaltar a relação interativa da leitura e da escrita, bem como do educador e do educando a partir de uma abordagem sobre a postura reflexiva de revisão e utilização de práticas metodológicas no desenvolvimento da atividade de construção textual. Utilizando-se de uma estrutura teórica sobre a escrita, buscou perceber os processos que permeiam a conduta do ensino-aprendizagem da produção textual. Considerando a constante evolução sociocultural, esforçou-se em articular suas ligações com a pedagogização e a figura do educador, tornando estes os principais argumentos para o desenvolvimento do trabalho.

Palavras-chave: Produção de texto, escrita e leitura, ensino, papel do educador.

²⁴ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 28 de novembro de 2006, sob a orientação da Prof^a. MSc. Dalva Del Vigna.

²⁵ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 27 de novembro de 2006, sob a orientação da Prof^a. MSc. Dalva Del Vigna.

No nada, aletria. Ria Rosa, ria. Marcas lingüísticas do riso em Tutaméia²⁶

Letícia Chaves do Nascimento

Este trabalho apresenta uma observação criteriosa de dados colhidos do conto *Aletria e Hermenêutica* do livro *Tutaméia: Terceiras estórias* de João Guimarães Rosa e vislumbra as articulações do humor dentro da proposta de criação do autor. Para tanto, fez-se necessária a análise detalhada dos termos composicionais no que se refere à forma de abordagem lingüística. Pretendeu-se ainda analisar a construção do humor de acordo com a proposta de interação do significado quanto à composição interativa de análise existencial conferida pela formulação do nada como representação do real.

Palavras chave: Hermenêutica, humor, jogos de linguagem, lingüística.

Crenças de aprendizagem de alunos formandos de um curso de Letras²⁷

Maria Zélia Oliveira Freitas

O objetivo deste estudo diagnóstico é investigar as crenças sobre aprendizagem de língua estrangeira de dez estudantes universitários. O estudo focou, particularmente, estudantes de um curso de Letras, futuros professores de inglês. Os dados foram obtidos por meio de um questionário baseado no CRESAL (Crenças sobre Aprendizagem de Língua) de Horwitz. Os resultados mostraram que os estudantes possuem algumas crenças de aprendizagem que podem influenciar sua futura abordagem de ensino.

Palavras-chave: Inglês como língua estrangeira, crenças, aprendizagem de línguas.

²⁶ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 29 de novembro de 2006, sob a orientação da Prof^a. MSc. Dalva Del Vigna.

²⁷ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 22 de novembro de 2006, sob a orientação da Prof^a. MSc. Aline Ribeiro Pessôa.

O texto literário nos manuais didáticos²⁸

Sarah Ponte Pereira

O presente trabalho acadêmico-científico tem como objeto de estudo o texto literário na Escola e, como objetivo principal, compreender como este texto ali circula, através da análise de um livro didático, colocando em discussão os vários elementos que estruturam e fazem funcionar o Discurso Pedagógico e o ensino de Português no Brasil em diferentes momentos históricos. Nele, apresentamos, inicialmente, os resultados de uma pesquisa bibliográfica, em que mostramos a relação entre o texto literário, a escola e a sociedade, por meio de diferentes práticas de leitura, estando aí incluídas as dos livros didáticos, produzindo determinados efeitos de sentido, efeitos estes que irão produzir e reproduzir representações de literatura, de texto literário, de leitura literária. Apresentamos, também, no desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso, o caminho de leitura e interpretação que percorremos na leitura da bibliografia, na descrição e análise do *corpus* selecionado e nos recortes feitos, ou seja, alguns conceitos da Análise do Discurso francesa. O *corpus* foi formado pelo livro didático “Português: Linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, e por entrevistas realizadas com quatro professores da 8ª série do Ensino Fundamental, de escolas públicas da Cidade Satélite do Gama, Distrito Federal. A análise nos permitiu chegar a alguns resultados sobre o funcionamento do Discurso Pedagógico da e sobre a Literatura, como a noção de texto e de texto literário na Escola, o seu uso e função na aula de Língua Portuguesa. E, então, concluir que há uma noção de texto dominante na Escola em que a Literatura entra de determinado modo; que um Discurso Pedagógico conservador não se cansa de reproduzir certas representações de Literatura, reforçando o imaginário do leitor, que é sobredeterminado pelo contexto sócio-histórico; que a estrutura e o funcionamento do livro didático parecem vir se conservando ao longo do tempo, de diferentes formas, ajudando a perpetuar essas (e outras) representações.

Palavras-chave: Texto literário, representações, livro didático, análise de discurso.

A formação de professores para o ensino de português para estrangeiros: um estudo de caso²⁹

Soneclay dos Santos Pannell

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar um panorama sobre a história da formação de professores de português para estrangeiros no Brasil, dando ênfase ao programa de formação de

²⁸ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 4 de dezembro de 2006, sob a orientação da Profª. Drª. Mariza Vieira da Silva.

²⁹ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 29 de novembro de 2006, sob a orientação da Profª. Drª. Mariza Vieira da Silva.

professores da Universidade de Brasília – UnB: o curso de graduação em Letras com Habilitação em Português do Brasil Segunda Língua (PBSL). A questão principal é identificar, neste programa, os requisitos mínimos apontados pelos pesquisadores da área do ensino de língua estrangeira e pelas teorias de aquisição de língua como necessários para a formação de professores de segunda língua (L2) e de língua estrangeira (LE). Neste panorama, apresentamos primeiro um breve histórico do ensino de português para estrangeiros no Brasil, descrevemos também os cursos/programas de português L2/LE e o exame de português para estrangeiros (variedade brasileira) – CELPE-Bras, que são vinculados aos acordos bilaterais e aos convênios de intercâmbio com universidades no exterior. Além disso, relatamos alguns dos aspectos políticos relacionados ao ensino de português para estrangeiros no Brasil. Num segundo momento, apresentamos as teorias de aquisição de língua e as abordagens teóricas relativas à formação dos professores de L2/LE. Por fim, após a análise do PBSL – UnB, concluímos que esse curso consegue contemplar os requisitos mínimos citados anteriormente.

Palavras-chave: Aquisição/aprendizagem de línguas, formação de professores, português como língua estrangeira.

A relação idade do aprendiz-aprendizagem de uma língua estrangeira³⁰

Viviane Costa de Oliveira

O objetivo deste estudo qualitativo é investigar o que os pesquisadores da Linguística Aplicada descobriram sobre a relação entre idade e aprendizagem de uma língua estrangeira e comparar essas descobertas com o que onze alunas de um Curso de Letras sabem ou pensam sobre esta relação. Os resultados mostram que futuros professores de Inglês acham que crianças são os melhores aprendizes.

Palavras-chave: Idade, crenças, aprendizagem de língua estrangeira.

³⁰ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 27 de novembro de 2006, sob a orientação da Prof^a. MSc. Aline Ribeiro Pessôa.

A circulação do texto literário na sociedade: Monteiro Lobato³¹

Waldênia Pereira da Silva

Este trabalho tem como objeto de estudo a circulação do conhecimento literário na sociedade, tendo como referência uma obra de Monteiro Lobato, e como objetivo o de analisar e compreender como essa circulação se dá, tendo em vista a formação de leitores críticos e criativos. Tomamos como referencial teórico e metodológico de leitura e interpretação de textos a Análise de Discurso da linha francesa, e constituímos como *corpus*, para uma análise comparativa, o livro “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato e um fascículo da Editora Globo, intitulado “Narizinho a menina do nariz arrebitado”, e os depoimentos de internautas de três comunidades do Orkut que se intitulam “Sítio do Picapau Amarelo”. Partimos de uma revisão bibliográfica de livros e artigos que falam da leitura literária na sociedade, para termos uma compreensão deste processo, de modo geral, e nas obras de Lobato, de maneira mais específica. Em seguida, explicitamos e discutimos alguns conceitos da Análise do Discurso que nos ajudaram a delinear o dispositivo analítico. Os resultados evidenciaram que a circulação dessa obra de Lobato na sociedade, tendo em vista o nosso *corpus*, contribuiu e contribui para a formação de um tipo de sujeito, de cidadão, em que ocorrem determinados processos de identificação. No caso de Narizinho, há uma perda da complexidade e densidade do personagem na adaptação em relação à obra original, colocando em jogo um modelo de mulher, de uma subjetividade feminina. A função pedagógica – funcionando dentro e fora da Escola – é a de adaptar, ajustar a leitora, especialmente; prepará-la para ser uma mulher, uma cidadã, com características determinadas: um efeito ideológico. Essa modelagem se torna possível, porque o texto adaptado não cria possibilidades para que se faça uma leitura polissêmica, para que se forme um leitor crítico e criativo.

Palavras-chave: Circulação do conhecimento, leitura, literatura infantil, análise do discurso.

³¹ Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 5 de dezembro de 2006, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Mariza Vieira da Silva.